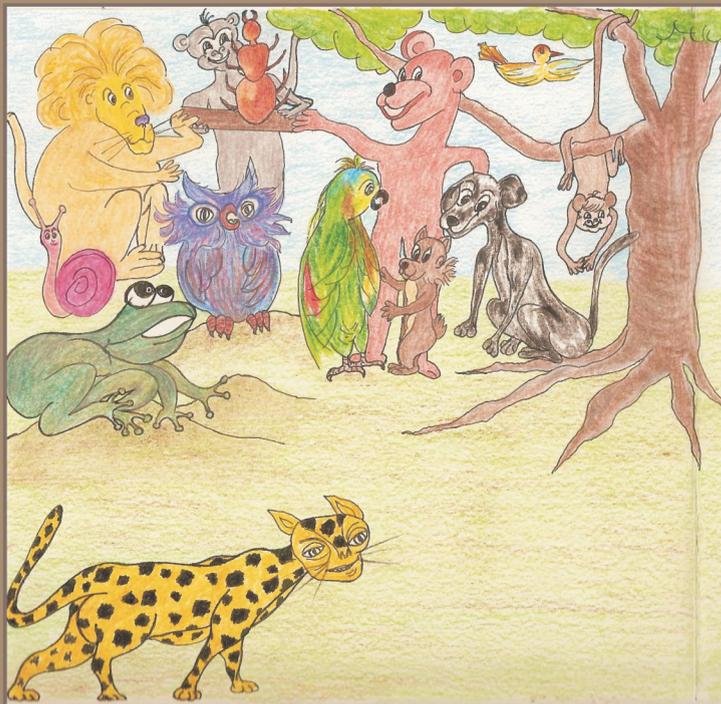


HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ

Volume II



CONTOS DE ANIMAIS:
no tempo que os bichos falavam



EDUNEB



Histórias do Fundo do Baú

Volume II

CONTOS DE ANIMAIS:

no tempo que os bichos falavam

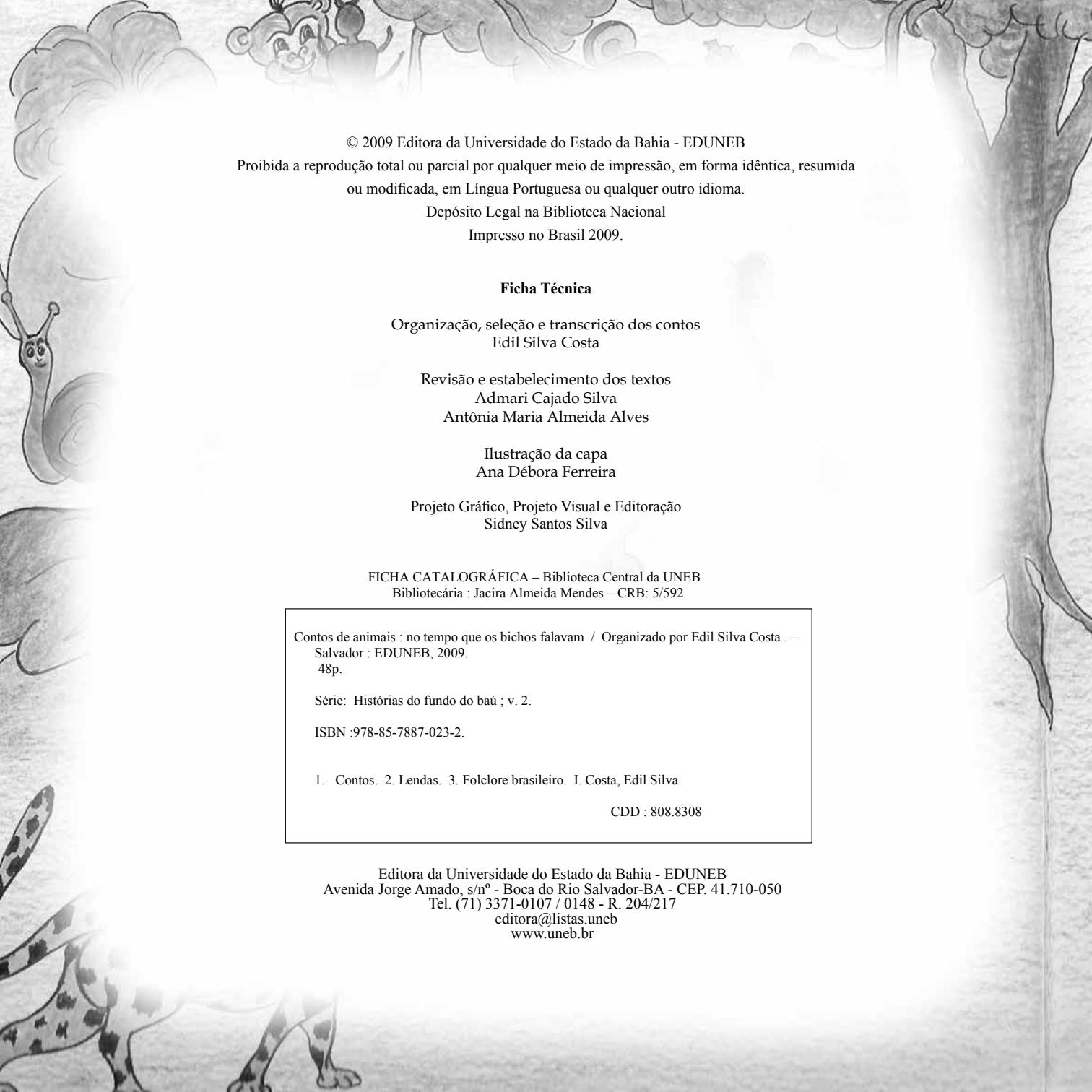


EDUNEB

SALVADOR

2009





© 2009 Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil 2009.

Ficha Técnica

Organização, seleção e transcrição dos contos
Edil Silva Costa

Revisão e estabelecimento dos textos
Admari Cajado Silva
Antônia Maria Almeida Alves

Ilustração da capa
Ana Débora Ferreira

Projeto Gráfico, Projeto Visual e Editoração
Sidney Santos Silva

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária : Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Contos de animais : no tempo que os bichos falavam / Organizado por Edil Silva Costa . –
Salvador : EDUNEB, 2009.
48p.

Série: Histórias do fundo do baú ; v. 2.

ISBN :978-85-7887-023-2.

1. Contos. 2. Lendas. 3. Folclore brasileiro. I. Costa, Edil Silva.

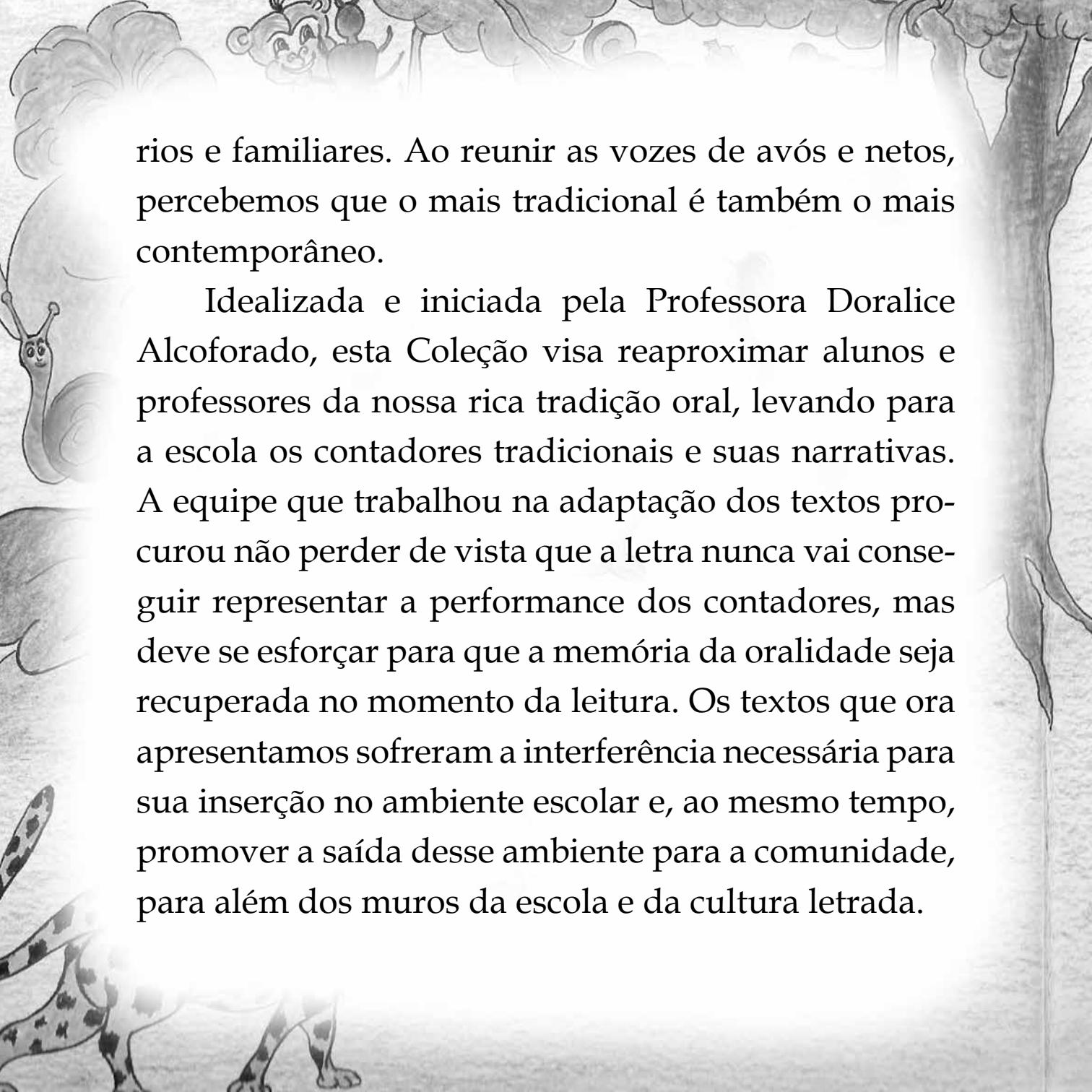
CDD : 808.8308

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio Salvador-BA - CEP. 41.710-050
Tel. (71) 3371-0107 / 0148 - R. 204/217
editora@listas.uneb
www.uneb.br

A black and white illustration of a forest scene. At the top, a monkey is visible among the trees. On the left, a snail is climbing a tree trunk. At the bottom, a spotted animal, possibly a leopard or cheetah, is walking. The background is filled with stylized trees and foliage.

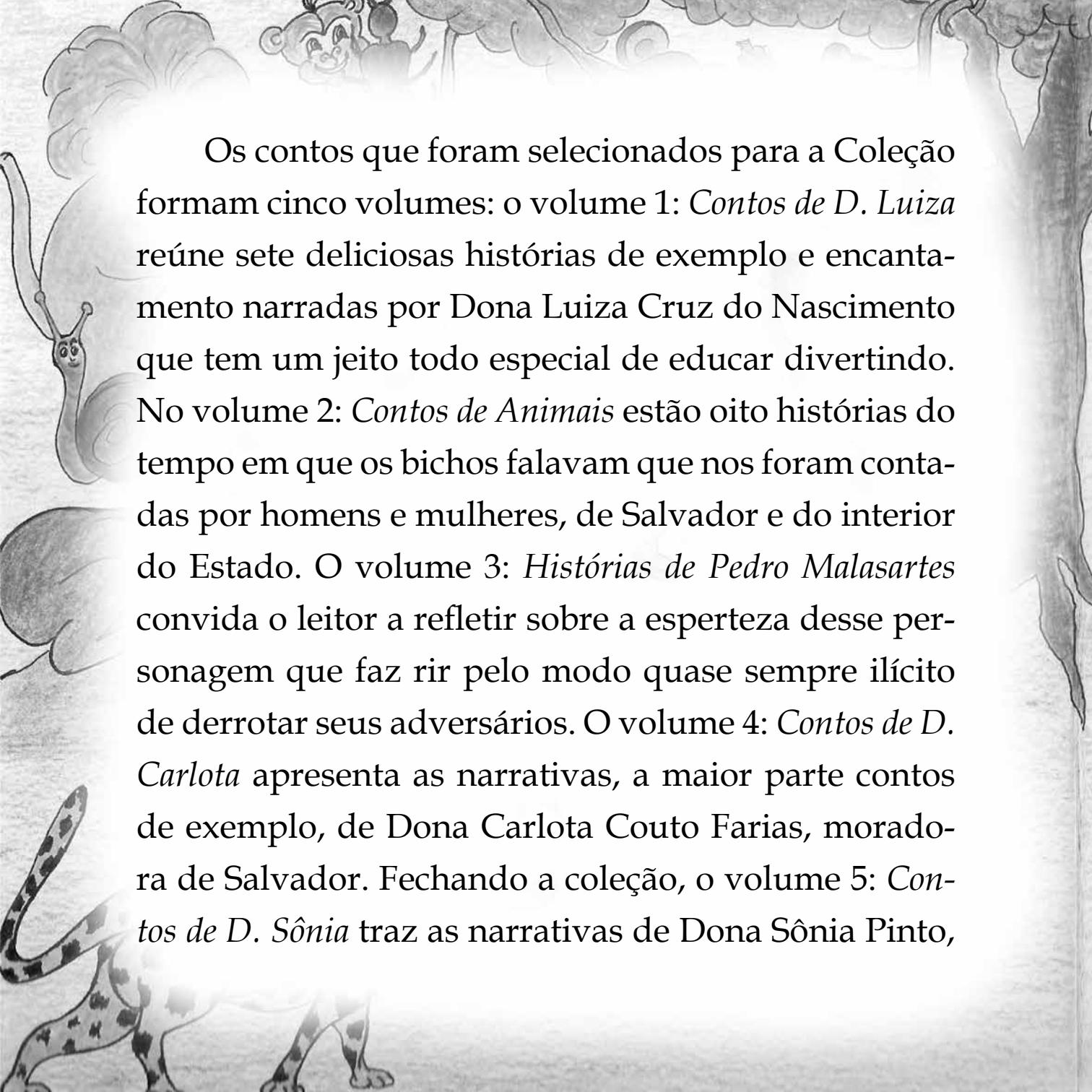
Apresentação: O Baú se Abre

Esta coletânea é fruto do trabalho de anos de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Mas, acima de tudo, é feita por narradoras e narradores que emprestam seu corpo e sua voz para dar continuidade a outras vozes vindas de tempos remotos. Tiradas do fundo do baú da memória, os textos aqui reunidos são dedicados a jovens que, ouvindo, lendo, recontando, reescrevendo, são também elos dessa corrente. Do mesmo modo, a Coleção é dedicada aos professores que irão compartilhá-la com seus alunos. Trilhando juntos esse caminho, fortalecemos nossos laços comunitá-

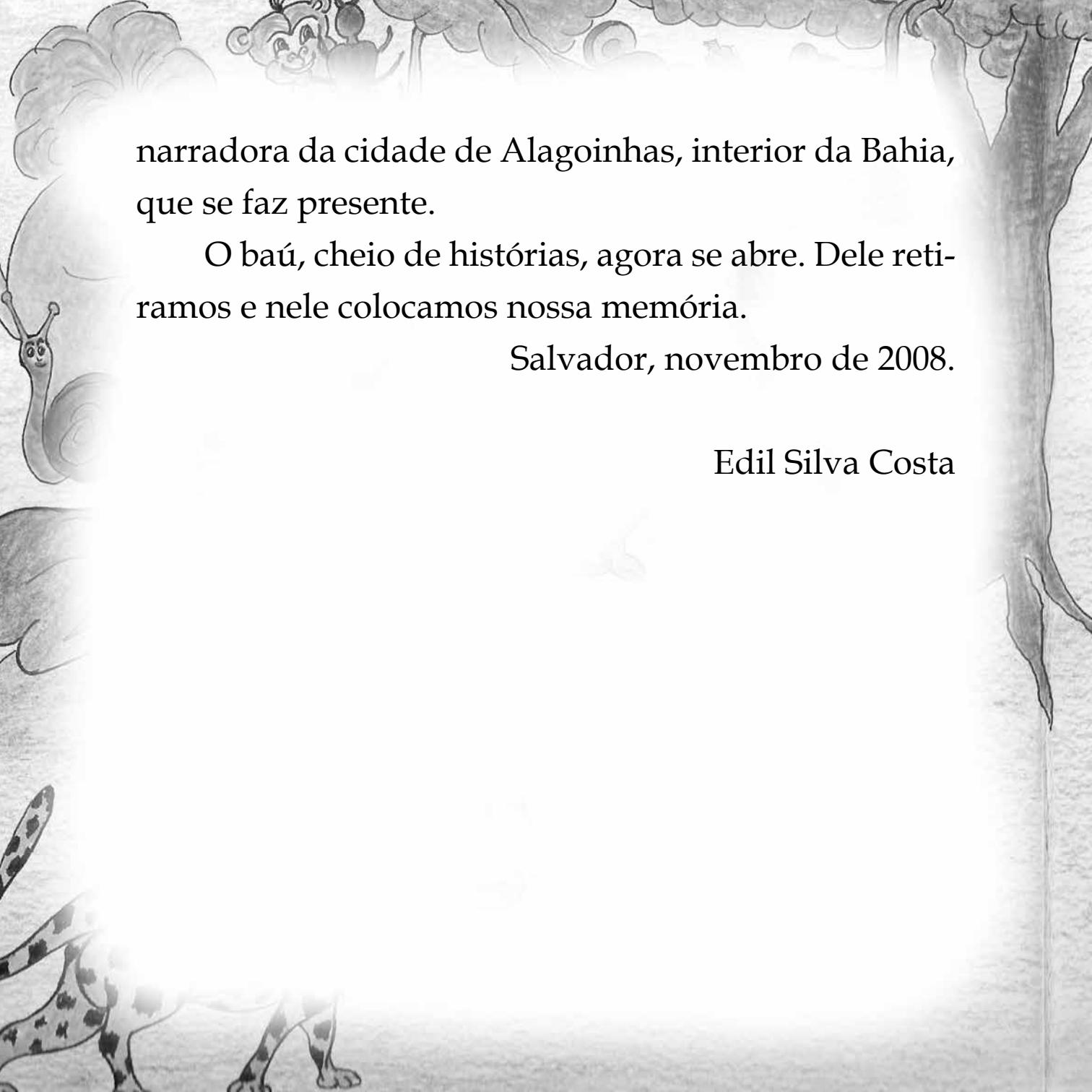
A black and white illustration of a forest scene. At the top, a monkey is visible among the trees. On the left, a snail is crawling. At the bottom, a spotted animal, possibly a dog or a cat, is partially visible. The background consists of stylized trees and foliage.

rios e familiares. Ao reunir as vozes de avós e netos, percebemos que o mais tradicional é também o mais contemporâneo.

Idealizada e iniciada pela Professora Doralice Alcoforado, esta Coleção visa reaproximar alunos e professores da nossa rica tradição oral, levando para a escola os contadores tradicionais e suas narrativas. A equipe que trabalhou na adaptação dos textos procurou não perder de vista que a letra nunca vai conseguir representar a performance dos contadores, mas deve se esforçar para que a memória da oralidade seja recuperada no momento da leitura. Os textos que ora apresentamos sofreram a interferência necessária para sua inserção no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, promover a saída desse ambiente para a comunidade, para além dos muros da escola e da cultura letrada.



Os contos que foram selecionados para a Coleção formam cinco volumes: o volume 1: *Contos de D. Luiza* reúne sete deliciosas histórias de exemplo e encantamento narradas por Dona Luiza Cruz do Nascimento que tem um jeito todo especial de educar divertindo. No volume 2: *Contos de Animais* estão oito histórias do tempo em que os bichos falavam que nos foram contadas por homens e mulheres, de Salvador e do interior do Estado. O volume 3: *Histórias de Pedro Malasartes* convida o leitor a refletir sobre a esperteza desse personagem que faz rir pelo modo quase sempre ilícito de derrotar seus adversários. O volume 4: *Contos de D. Carlota* apresenta as narrativas, a maior parte contos de exemplo, de Dona Carlota Couto Farias, moradora de Salvador. Fechando a coleção, o volume 5: *Contos de D. Sônia* traz as narrativas de Dona Sônia Pinto,



narradora da cidade de Alagoinhas, interior da Bahia,
que se faz presente.

O baú, cheio de histórias, agora se abre. Dele reti-
ramos e nele colocamos nossa memória.

Salvador, novembro de 2008.

Edil Silva Costa

The background of the page features a stylized illustration of a forest. At the top, a monkey is visible among the trees. On the left side, a rabbit is depicted. At the bottom, a spotted animal, possibly a leopard or a cheetah, is shown. The overall style is simple and illustrative, typical of children's educational materials.

Contos de Animais

A coletânea de textos *Contos de Animais*, resulta de uma recolha realizada na capital e no interior do Estado nas décadas de 80 e 90, período em que o Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular (PEPLP) era coordenado pelas professoras Doralice Fernandes X. Alcoforado e Maria del Rosário Suarez Albán, da Universidade Federal da Bahia.

Esses contos relatam a rivalidade entre bichos apresentando como marca a esperteza utilizada pelos animais de pequeno porte, para derrotar outros maiores e mais fortes, que apesar do tamanho são desprovidos de astúcia. Outra característica desse tipo de conto é o exemplo ou “moral da história” presente nos contos “A Onça e o Macaco, e O Patinho Desobediente.”





Índice

1. A Coelha empregada da Onça 11
2. A Onça e o Macaco 21
3. O Patinho Desobediente 25
4. A História do Cagado 29
5. A Raposa e o Pelego 35
6. A Raposa e a Coruja 37
7. A Festa no Céu 39
8. O Periquitinho e o Gavião 43



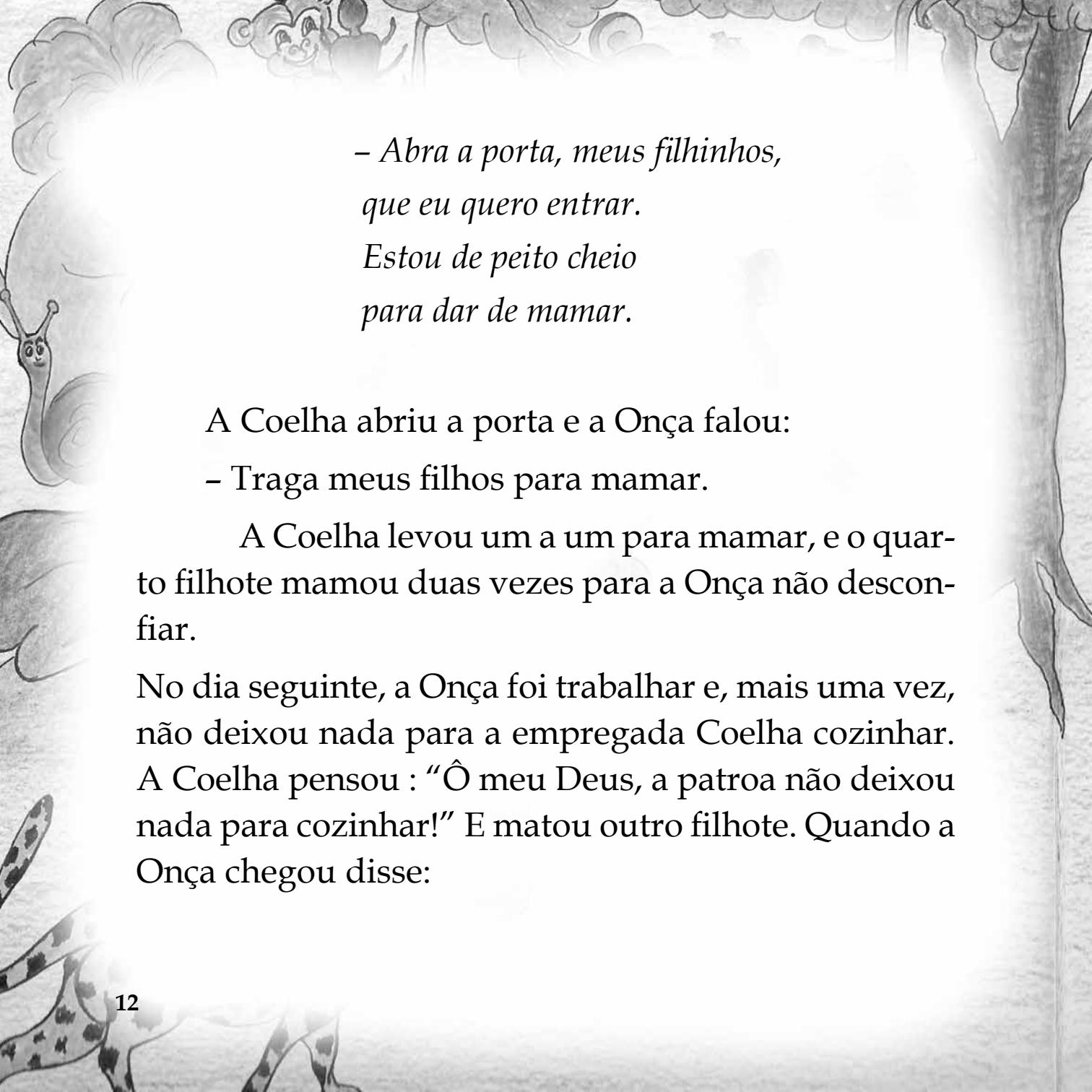


A COELHA EMPREGADA DA ONÇA

A Onça morava numa casinha de palha e arran-
jou uma empregada: uma Coelha. Quando percebeu,
a Onça já tinha dado a luz a cinco filhos.

A Coelha cuidava dos filhotes, enquanto a Onça
ia trabalhar. Mas ela não deixava nada para a empre-
gada cozinhar. Foi então, que a Coelha teve a idéia
de a cada dia matar um filhote para servir no almo-
ço.

No primeiro dia, após o nascimento das oncinhas,
a coelha matou o primeiro filhote, restando quatro.
Quando a Onça chegou para o almoço, disse:



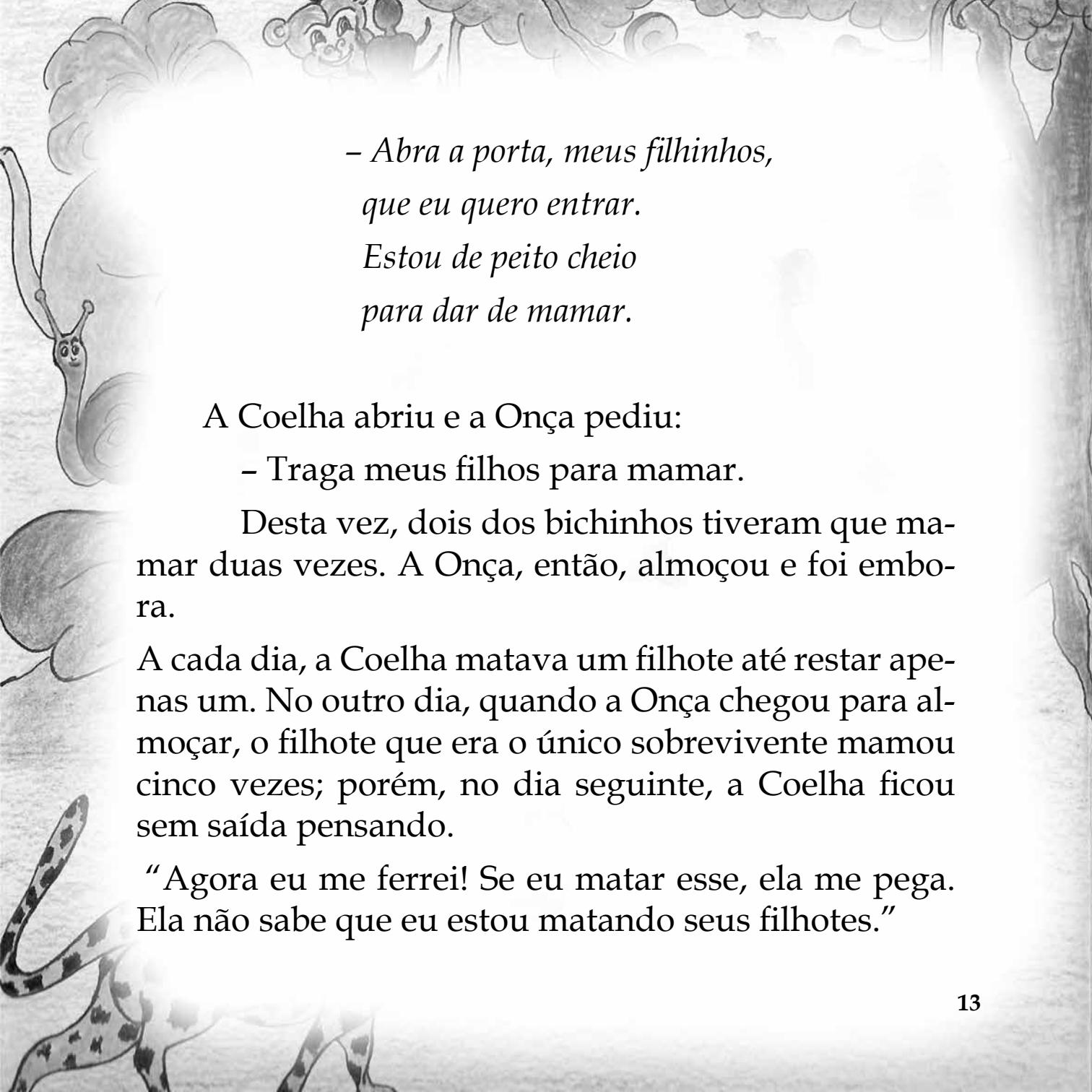
*- Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.
Estou de peito cheio
para dar de mamar.*

A Coelha abriu a porta e a Onça falou:

- Traga meus filhos para mamar.

A Coelha levou um a um para mamar, e o quarto filhote mamou duas vezes para a Onça não desconfiar.

No dia seguinte, a Onça foi trabalhar e, mais uma vez, não deixou nada para a empregada Coelha cozinhar. A Coelha pensou : “Ô meu Deus, a patroa não deixou nada para cozinhar!” E matou outro filhote. Quando a Onça chegou disse:

A black and white illustration of a forest scene. In the foreground on the left, a rabbit is shown from the side, looking towards the right. In the background, a monkey is visible among the trees. The scene is rendered in a simple, sketchy style.

*- Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.
Estou de peito cheio
para dar de mamar.*

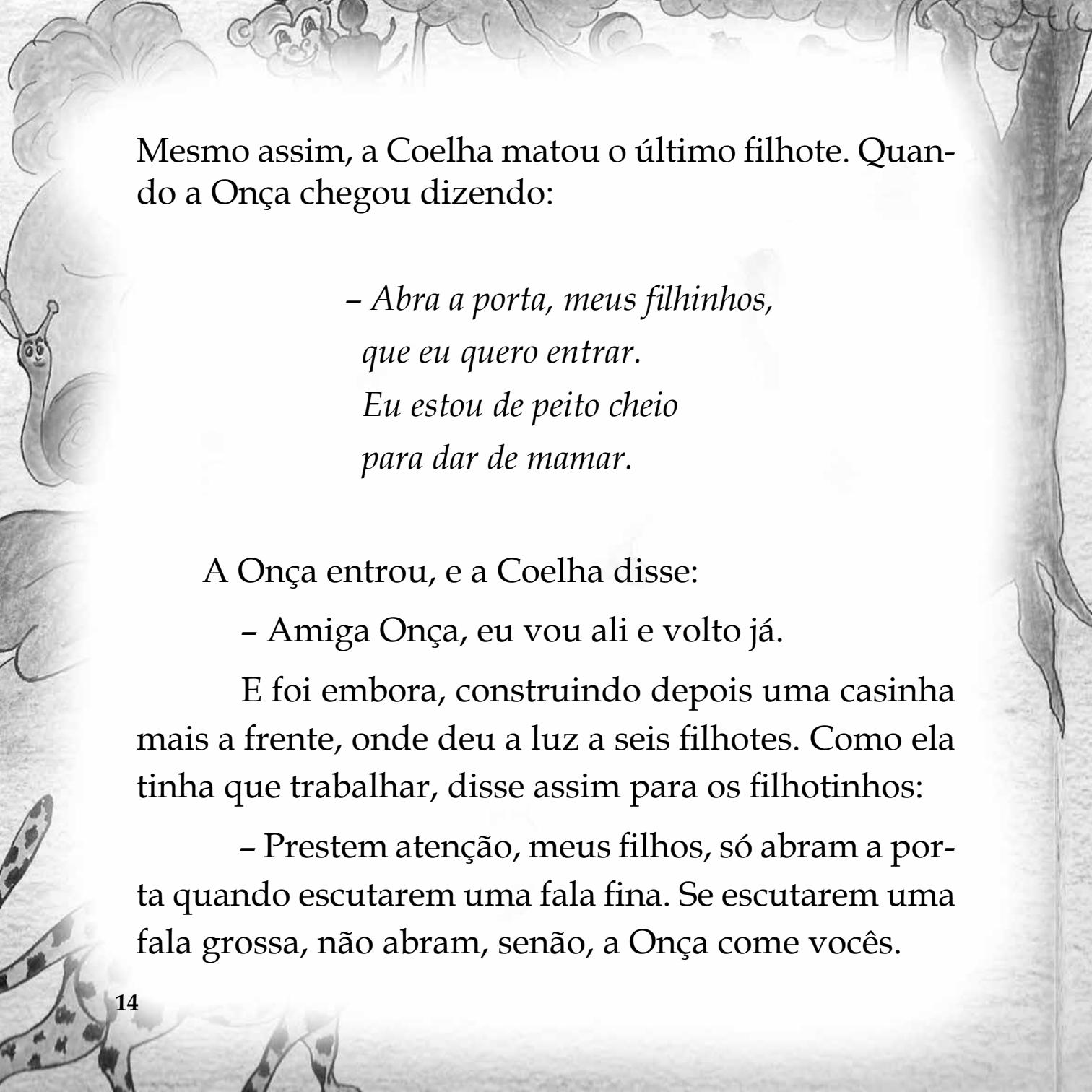
A Coelha abriu e a Onça pediu:

- Traga meus filhos para mamar.

Desta vez, dois dos bichinhos tiveram que mamar duas vezes. A Onça, então, almoçou e foi embora.

A cada dia, a Coelha matava um filhote até restar apenas um. No outro dia, quando a Onça chegou para almoçar, o filhote que era o único sobrevivente mamou cinco vezes; porém, no dia seguinte, a Coelha ficou sem saída pensando.

“Agora eu me ferrei! Se eu matar esse, ela me pega. Ela não sabe que eu estou matando seus filhotes.”



Mesmo assim, a Coelha matou o último filhote. Quando a Onça chegou dizendo:

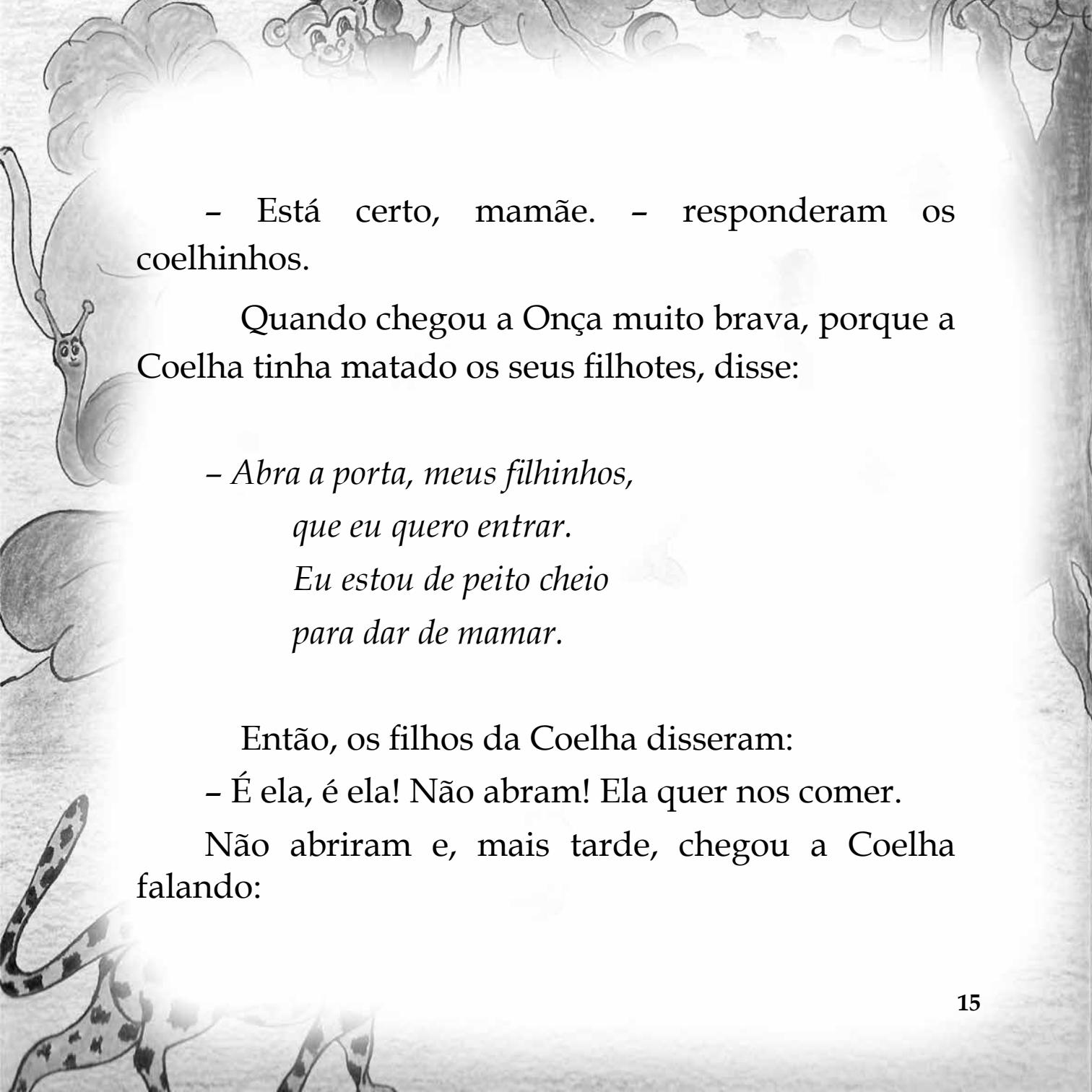
*- Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.
Eu estou de peito cheio
para dar de mamar.*

A Onça entrou, e a Coelha disse:

- Amiga Onça, eu vou ali e volto já.

E foi embora, construindo depois uma casinha mais a frente, onde deu a luz a seis filhotes. Como ela tinha que trabalhar, disse assim para os filhotinhos:

- Prestem atenção, meus filhos, só abram a porta quando escutarem uma fala fina. Se escutarem uma fala grossa, não abram, senão, a Onça come vocês.

A black and white illustration of a forest scene. At the top, a monkey is peeking over a tree branch. On the left, a rabbit is visible. The background shows various trees and foliage.

- Está certo, mamãe. - responderam os coelhinhos.

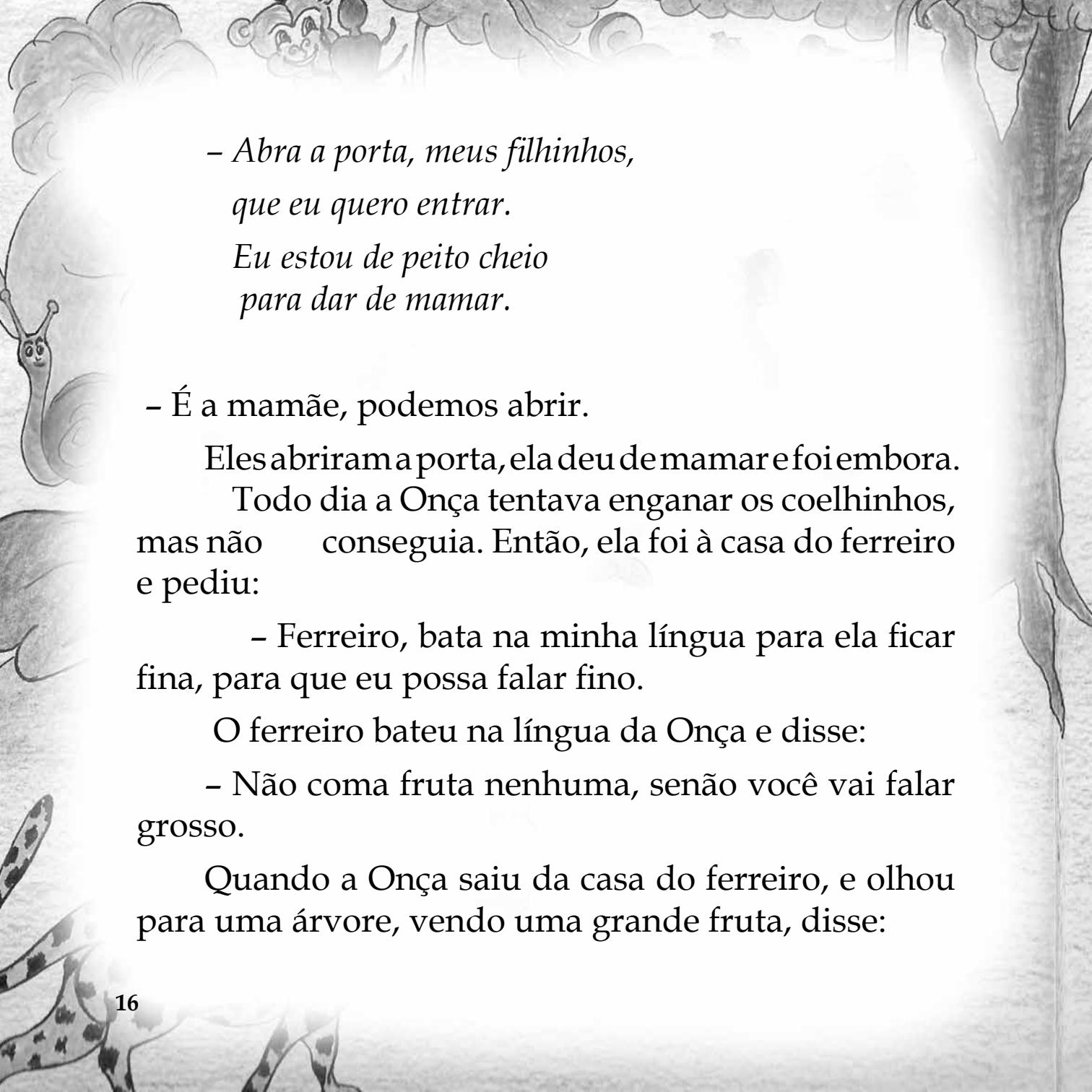
Quando chegou a Onça muito brava, porque a Coelha tinha matado os seus filhotes, disse:

*- Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.
Eu estou de peito cheio
para dar de mamar.*

Então, os filhos da Coelha disseram:

- É ela, é ela! Não abram! Ela quer nos comer.

Não abriram e, mais tarde, chegou a Coelha falando:



- *Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.*

*Eu estou de peito cheio
para dar de mamar.*

- É a mamãe, podemos abrir.

Eles abriram a porta, ela deu de mamar e foi embora.

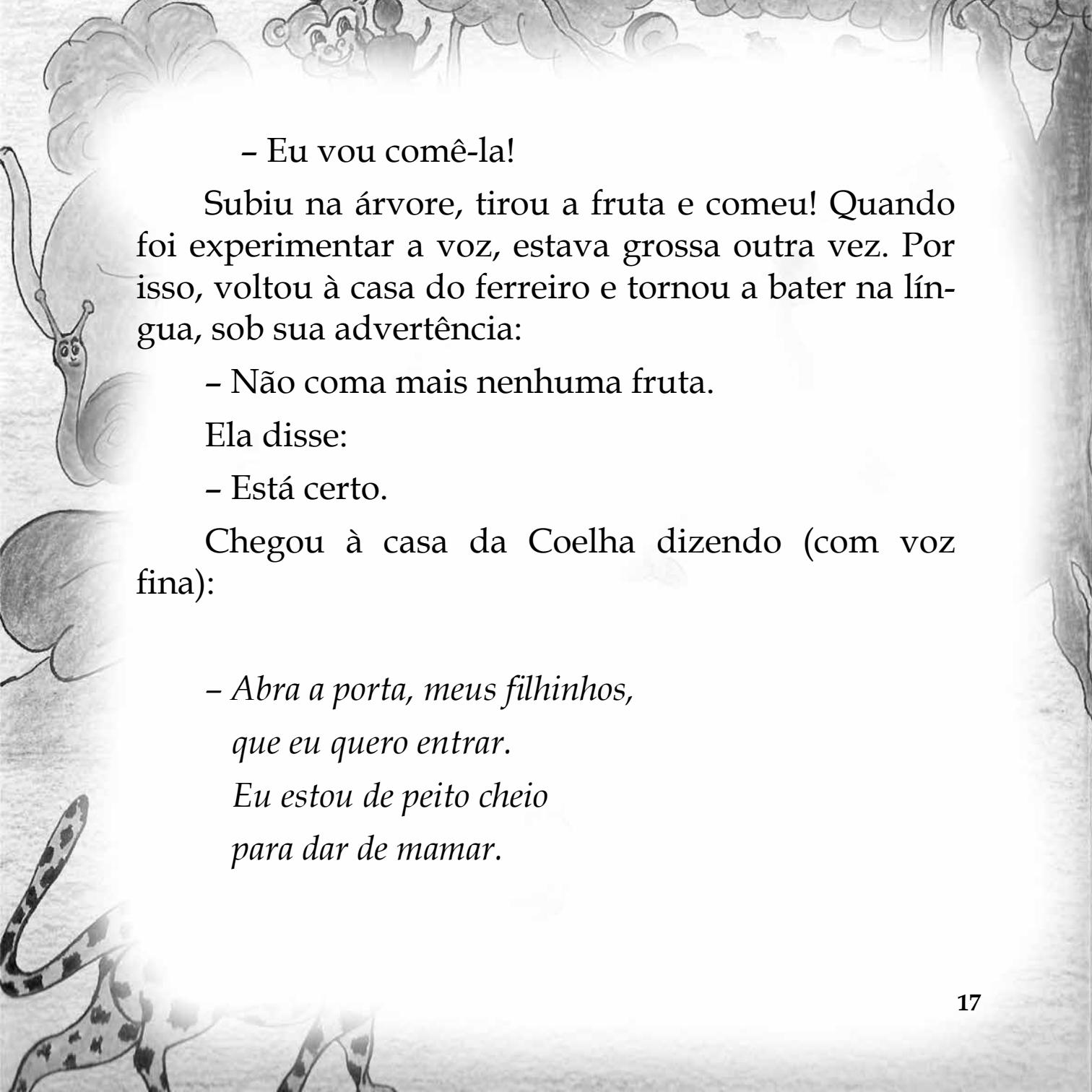
Todo dia a Onça tentava enganar os coelhinhos, mas não conseguia. Então, ela foi à casa do ferreiro e pediu:

- Ferreiro, bata na minha língua para ela ficar fina, para que eu possa falar fino.

O ferreiro bateu na língua da Onça e disse:

- Não coma fruta nenhuma, senão você vai falar grosso.

Quando a Onça saiu da casa do ferreiro, e olhou para uma árvore, vendo uma grande fruta, disse:



- Eu vou comê-la!

Subiu na árvore, tirou a fruta e comeu! Quando foi experimentar a voz, estava grossa outra vez. Por isso, voltou à casa do ferreiro e tornou a bater na língua, sob sua advertência:

- Não coma mais nenhuma fruta.

Ela disse:

- Está certo.

Chegou à casa da Coelha dizendo (com voz fina):

*- Abra a porta, meus filhinhos,
que eu quero entrar.*

*Eu estou de peito cheio
para dar de mamar.*



- É a mamãe, é a mamãe, podemos abrir!



Quando abriram a porta, a Onça devorou os seis coelhinhos e ficou no meio da casa, esperando a Coelha. Mas a Coelha, quando estava chegando em casa, percebeu a presença da Onça e mandou chamar o amigo Galo para tirá-la de sua casa.

- Amigo Galo, vá até a minha casa, tem uma Onça lá dentro, que comeu os meus filhos e não quer sair.

O Galo disse:

- Cocorocó! Amiga Onça, saia da casa da amiga Coelha!

A Onça rugiu e disse:

- Não tem quem me faça sair daqui!

E o Galo disse:

- Não tem jeito. Vamos chamar o Formigão.

O Formigão chegou e pediu à Onça, que saísse da casa da Coelha:

- 
- Amiga Onça, saia da casa da amiga Coelha!
 - Não tem quem me faça sair daqui!
 - Não tem jeito. - disse o Formigão - Vamos chamar o Bode.

Chamaram o Bode, chamaram vários animais e nada adiantou. Saíram, por fim, e chamaram a Formiguinha, que era pequenininha e pretinha. Mas a Onça continuou resistindo:

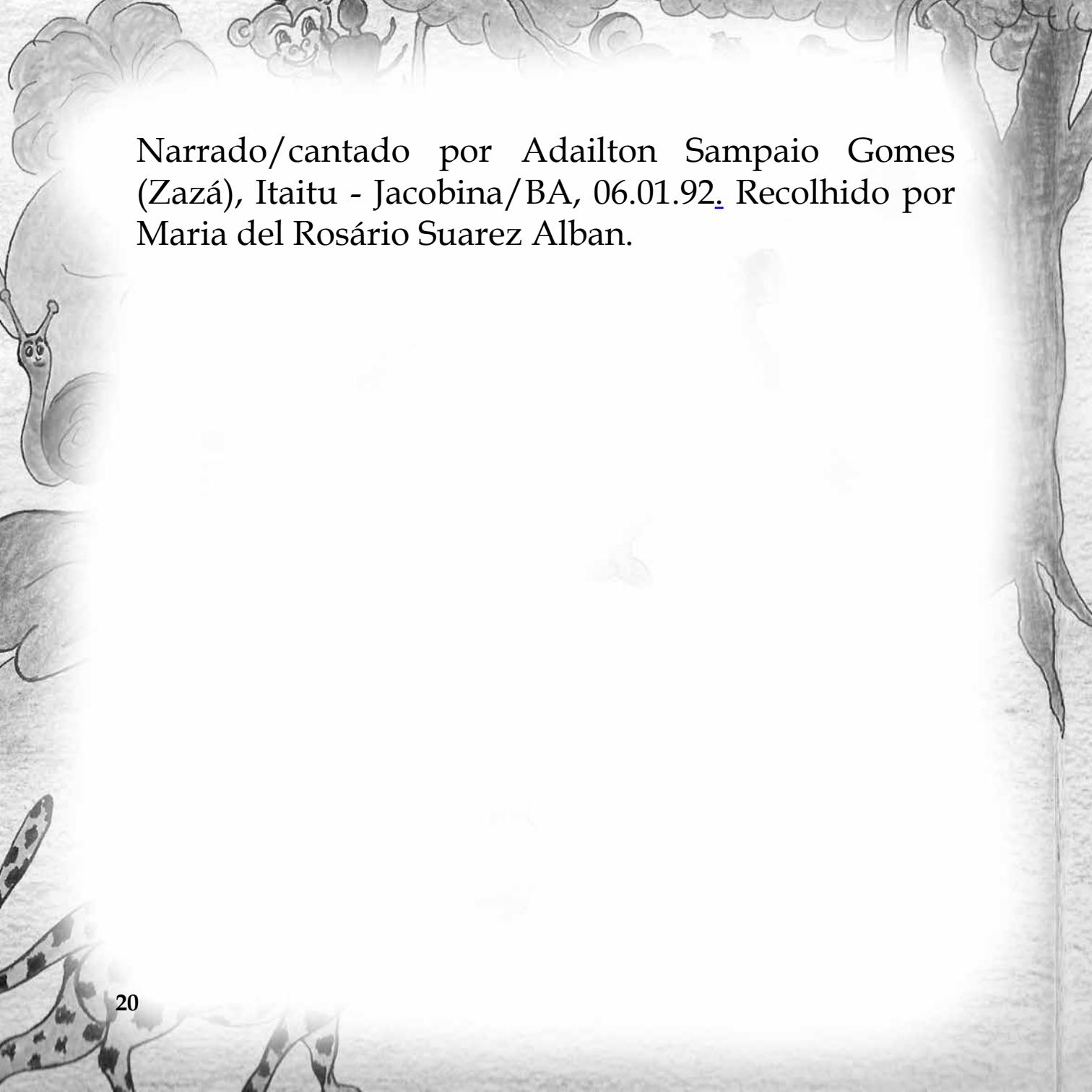
- Não tem quem me faça sair daqui.

A Formiguinha disse:

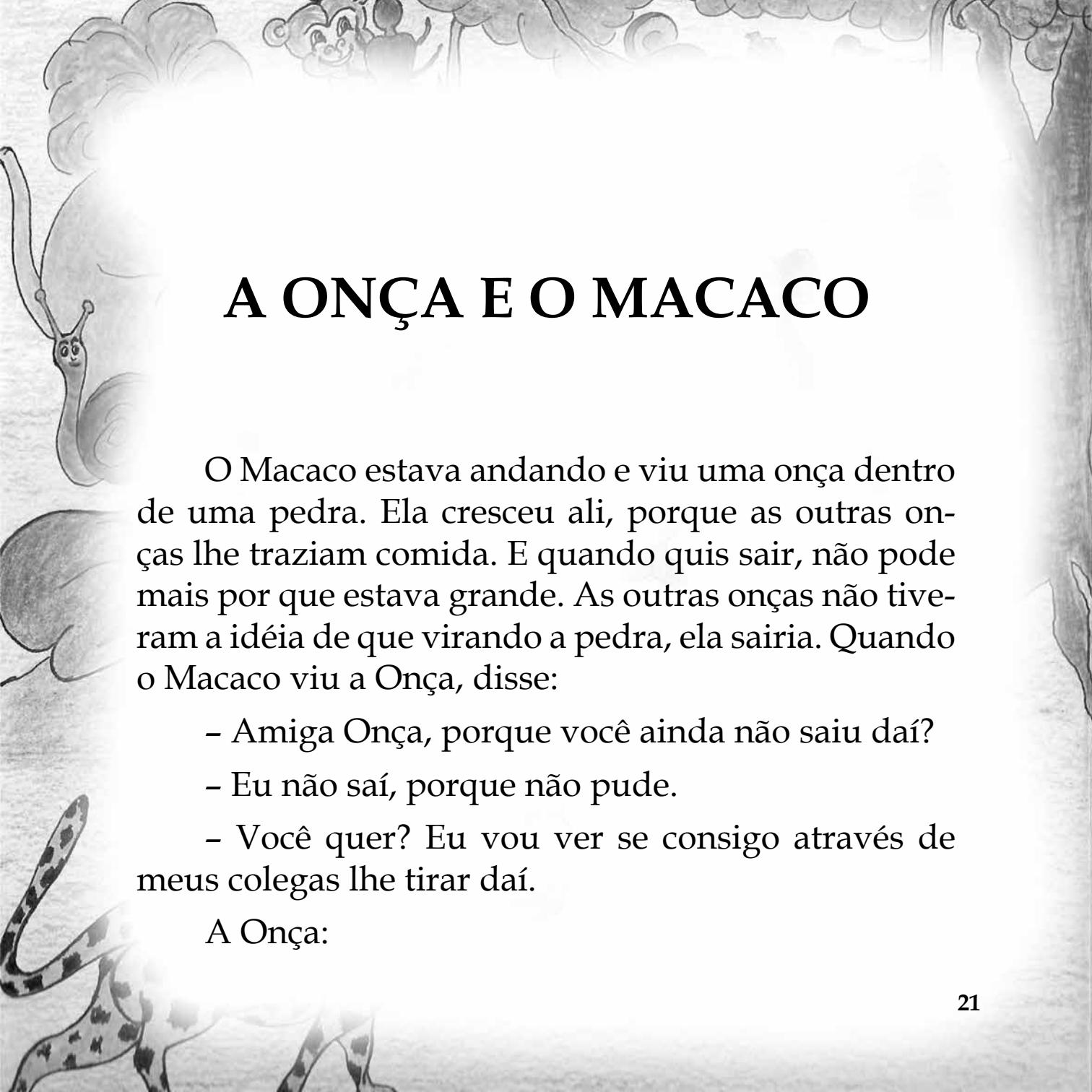
- Não sai não?!

Entrou pelo traseiro da Onça, olhou por dentro dela e saiu pela boca com os filhinhos da Coelha vivos!

.....



Narrado/cantado por Adailton Sampaio Gomes
(Zazá), Itaitu - Jacobina/BA, 06.01.92. Recolhido por
Maria del Rosário Suarez Alban.

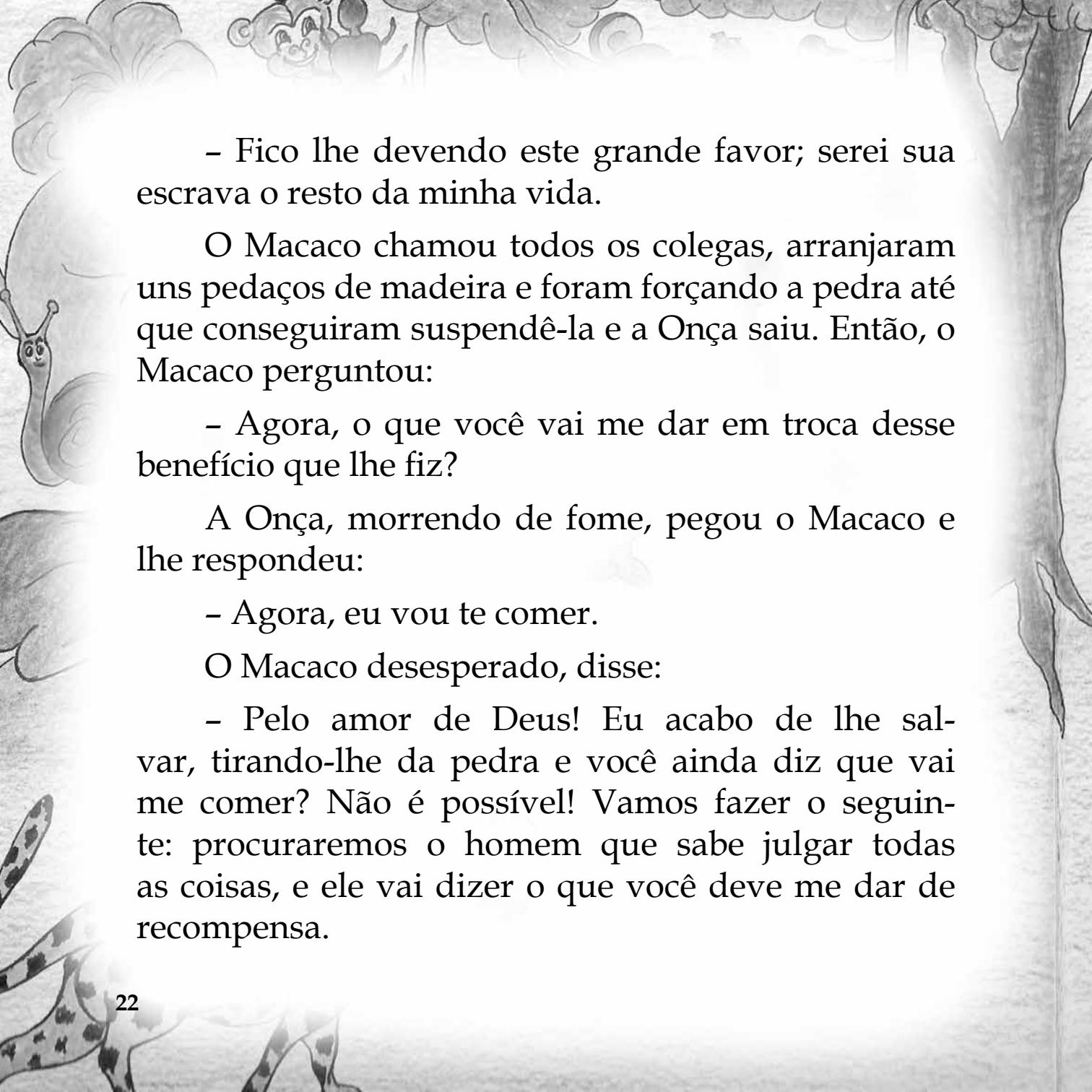


A ONÇA E O MACACO

O Macaco estava andando e viu uma onça dentro de uma pedra. Ela cresceu ali, porque as outras onças lhe traziam comida. E quando quis sair, não pode mais por que estava grande. As outras onças não tiveram a idéia de que virando a pedra, ela sairia. Quando o Macaco viu a Onça, disse:

- Amiga Onça, porque você ainda não saiu daí?
- Eu não saí, porque não pude.
- Você quer? Eu vou ver se consigo através de meus colegas lhe tirar daí.

A Onça:



- Fico lhe devendo este grande favor; serei sua escrava o resto da minha vida.

O Macaco chamou todos os colegas, arranjaram uns pedaços de madeira e foram forçando a pedra até que conseguiram suspendê-la e a Onça saiu. Então, o Macaco perguntou:

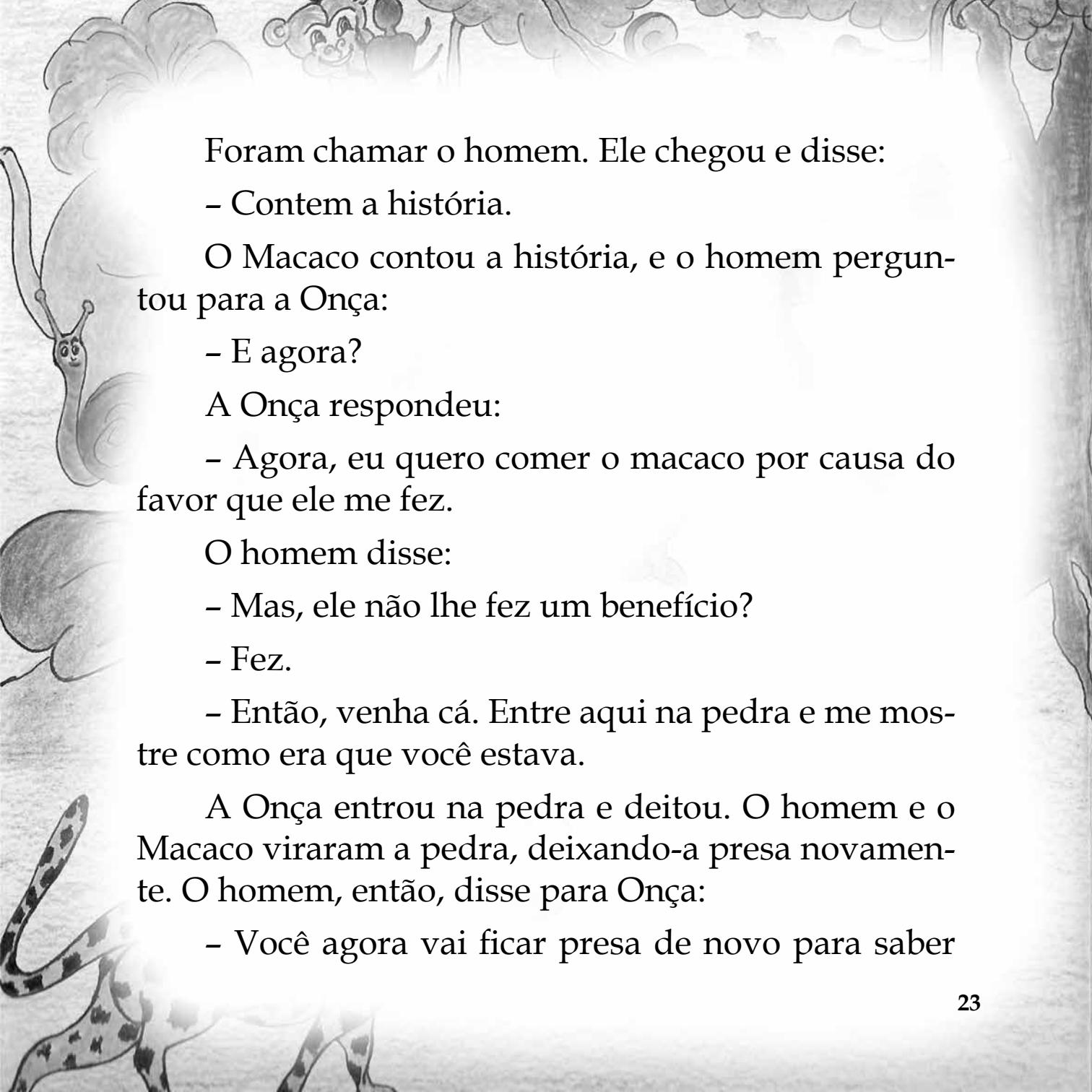
- Agora, o que você vai me dar em troca desse benefício que lhe fiz?

A Onça, morrendo de fome, pegou o Macaco e lhe respondeu:

- Agora, eu vou te comer.

O Macaco desesperado, disse:

- Pelo amor de Deus! Eu acabo de lhe salvar, tirando-lhe da pedra e você ainda diz que vai me comer? Não é possível! Vamos fazer o seguinte: procuraremos o homem que sabe julgar todas as coisas, e ele vai dizer o que você deve me dar de recompensa.



Foram chamar o homem. Ele chegou e disse:

- Contem a história.

O Macaco contou a história, e o homem perguntou para a Onça:

- E agora?

A Onça respondeu:

- Agora, eu quero comer o macaco por causa do favor que ele me fez.

O homem disse:

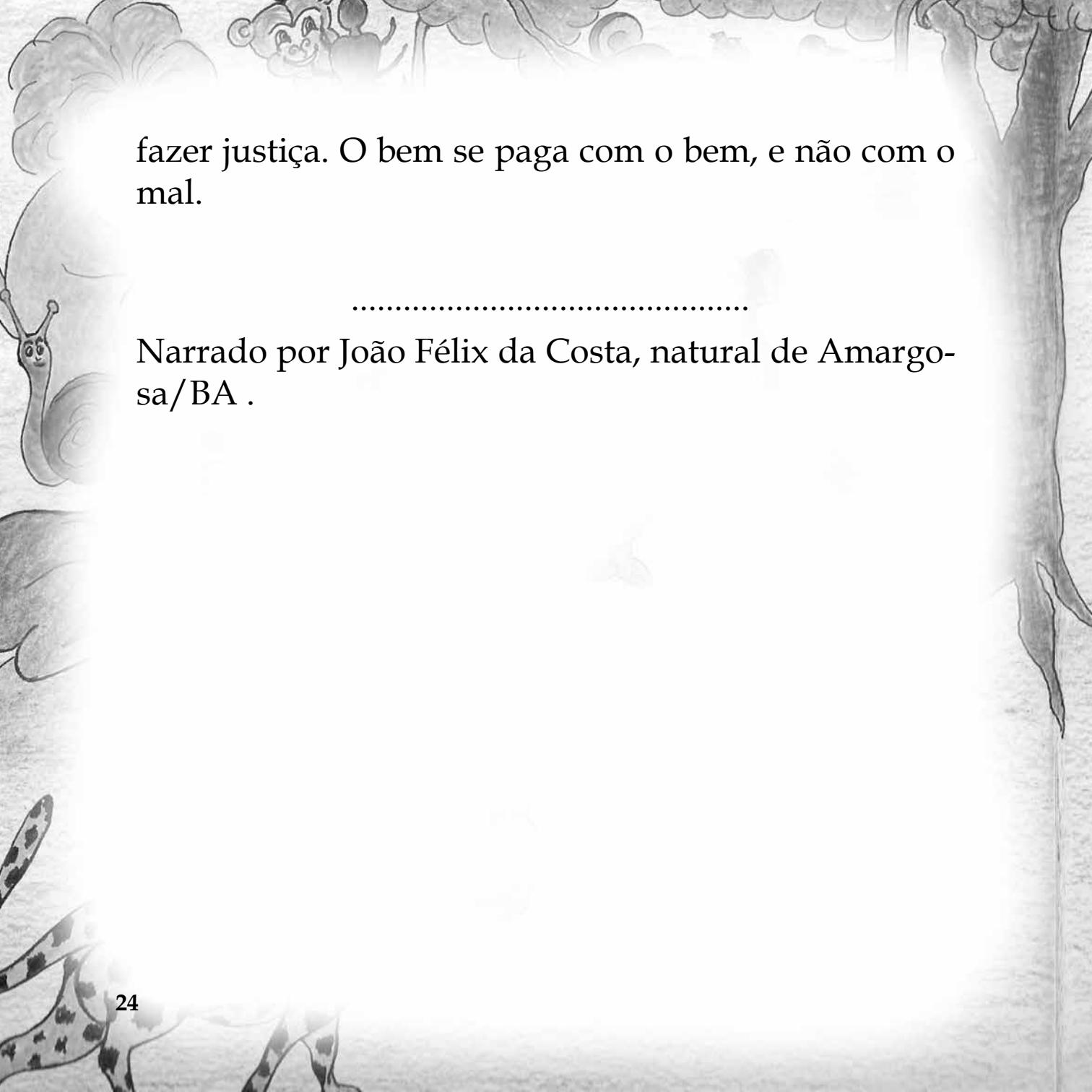
- Mas, ele não lhe fez um benefício?

- Fez.

- Então, venha cá. Entre aqui na pedra e me mostre como era que você estava.

A Onça entrou na pedra e deitou. O homem e o Macaco viraram a pedra, deixando-a presa novamente. O homem, então, disse para Onça:

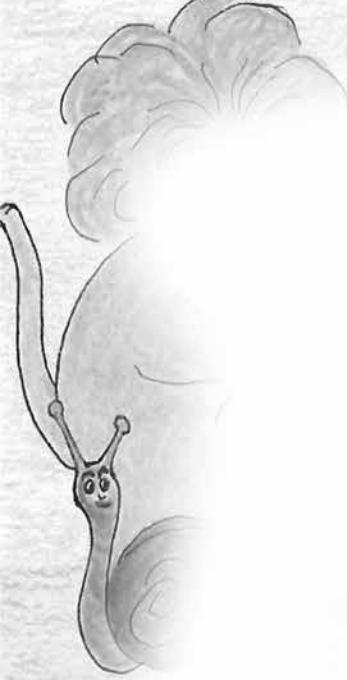
- Você agora vai ficar presa de novo para saber



fazer justiça. O bem se paga com o bem, e não com o mal.

.....

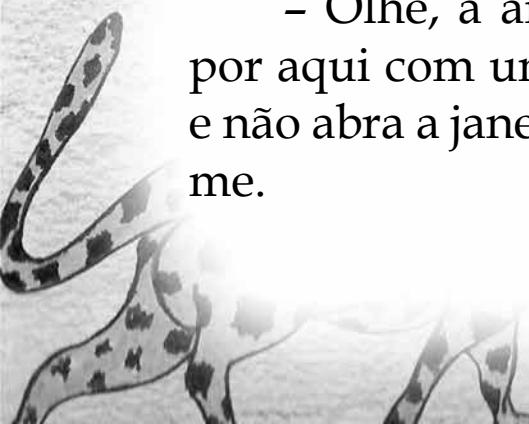
Narrado por João Félix da Costa, natural de Amargosa/BA .

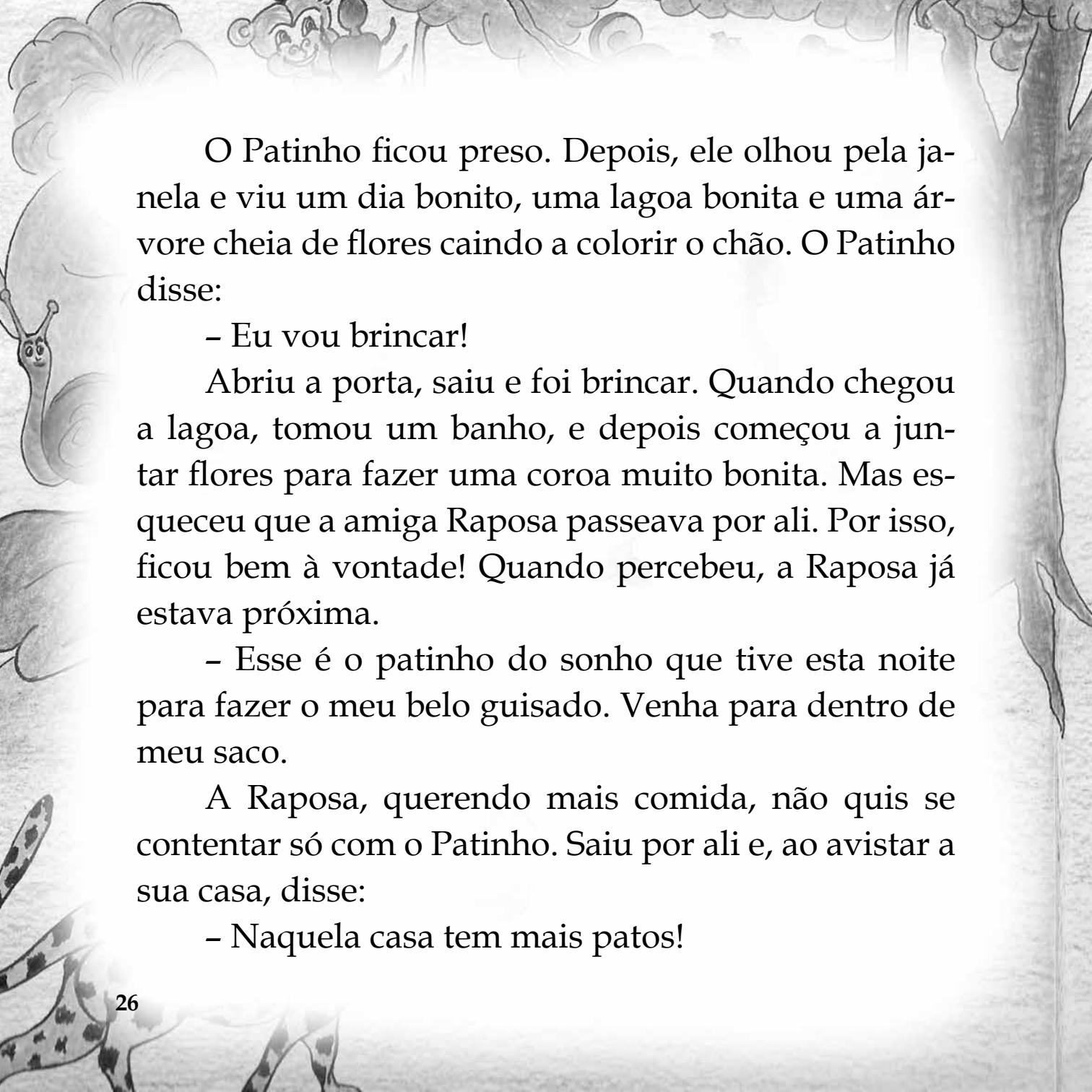


O PATINHO DESOBEDIENTE

O Patinho era desobediente. Ele morava com a avó, o avô, a tia, a mãe e o pai numa casinha na beira de uma lagoa, perto de uma floresta muito bonita. No entanto, toda ordem que a mãe ou o pai dava, ele desobedecia. Um dia, eles foram fazer feira e disseram ao Patinho:

- Olhe, a amiga Raposa está sempre passeando por aqui com um saco nas costas. Então, feche a casa e não abra a janela nem para olhar o campo! Obedeça-me.





O Patinho ficou preso. Depois, ele olhou pela janela e viu um dia bonito, uma lagoa bonita e uma árvore cheia de flores caindo a colorir o chão. O Patinho disse:

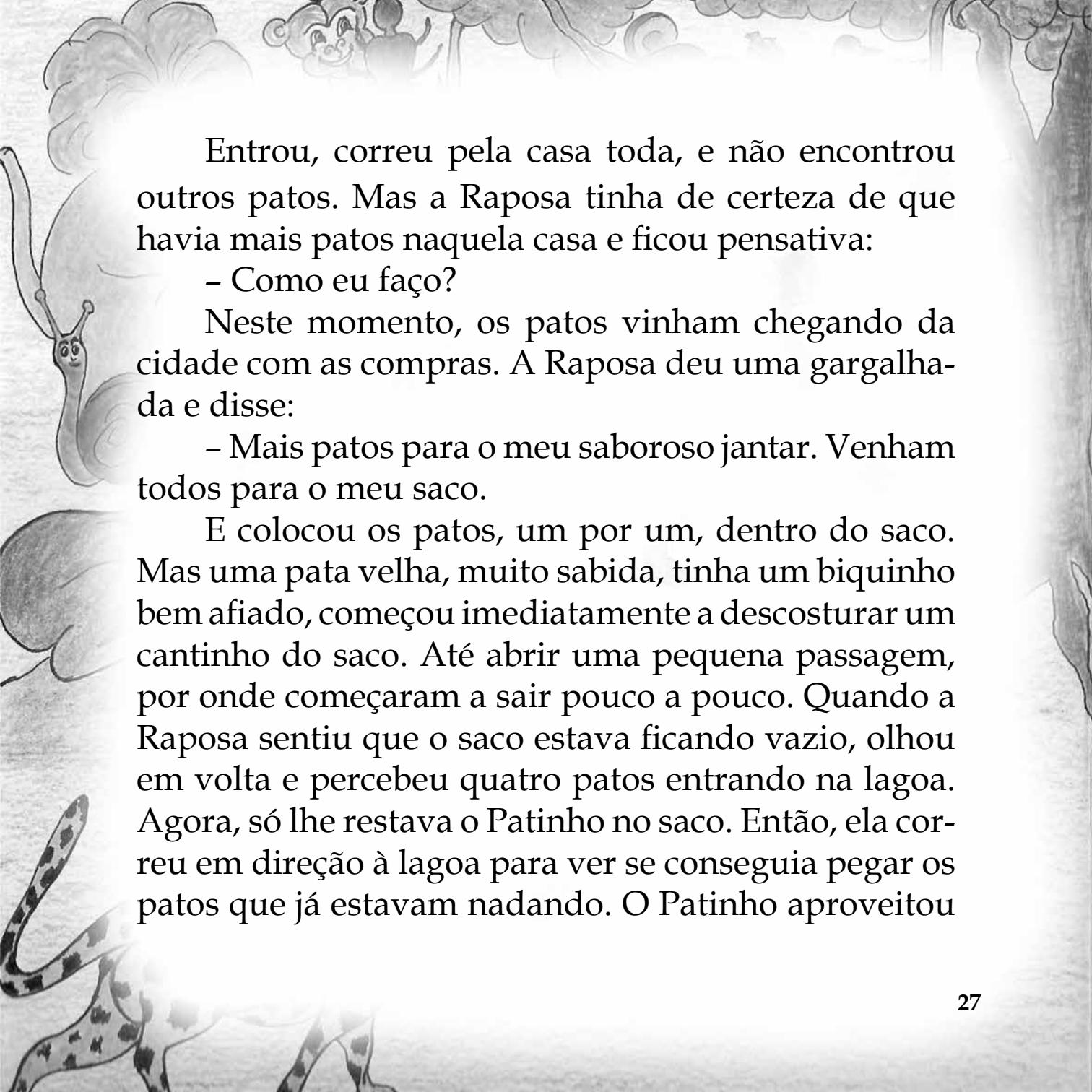
- Eu vou brincar!

Abriu a porta, saiu e foi brincar. Quando chegou a lagoa, tomou um banho, e depois começou a juntar flores para fazer uma coroa muito bonita. Mas esqueceu que a amiga Raposa passeava por ali. Por isso, ficou bem à vontade! Quando percebeu, a Raposa já estava próxima.

- Esse é o patinho do sonho que tive esta noite para fazer o meu belo guisado. Venha para dentro de meu saco.

A Raposa, querendo mais comida, não quis se contentar só com o Patinho. Saiu por ali e, ao avistar a sua casa, disse:

- Naquela casa tem mais patos!

A black and white illustration of a fox and a monkey in a forest. The fox is on the left, looking towards the monkey who is on the right. They are surrounded by trees and foliage.

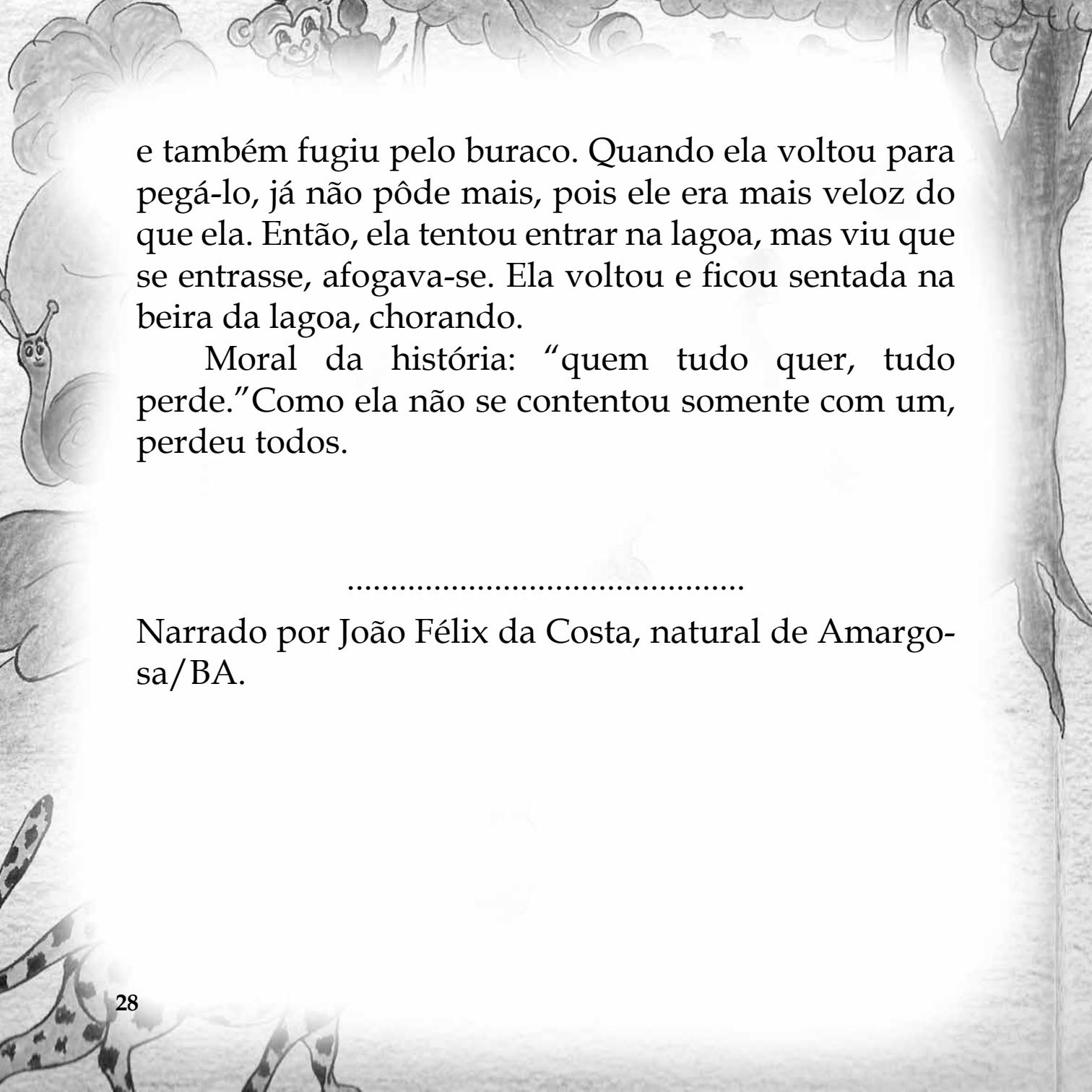
Entrou, correu pela casa toda, e não encontrou outros patos. Mas a Raposa tinha de certeza de que havia mais patos naquela casa e ficou pensativa:

- Como eu faço?

Neste momento, os patos vinham chegando da cidade com as compras. A Raposa deu uma gargalhada e disse:

- Mais patos para o meu saboroso jantar. Venham todos para o meu saco.

E colocou os patos, um por um, dentro do saco. Mas uma pata velha, muito sabida, tinha um biquinho bem afiado, começou imediatamente a descosturar um cantinho do saco. Até abrir uma pequena passagem, por onde começaram a sair pouco a pouco. Quando a Raposa sentiu que o saco estava ficando vazio, olhou em volta e percebeu quatro patos entrando na lagoa. Agora, só lhe restava o Patinho no saco. Então, ela correu em direção à lagoa para ver se conseguia pegar os patos que já estavam nadando. O Patinho aproveitou

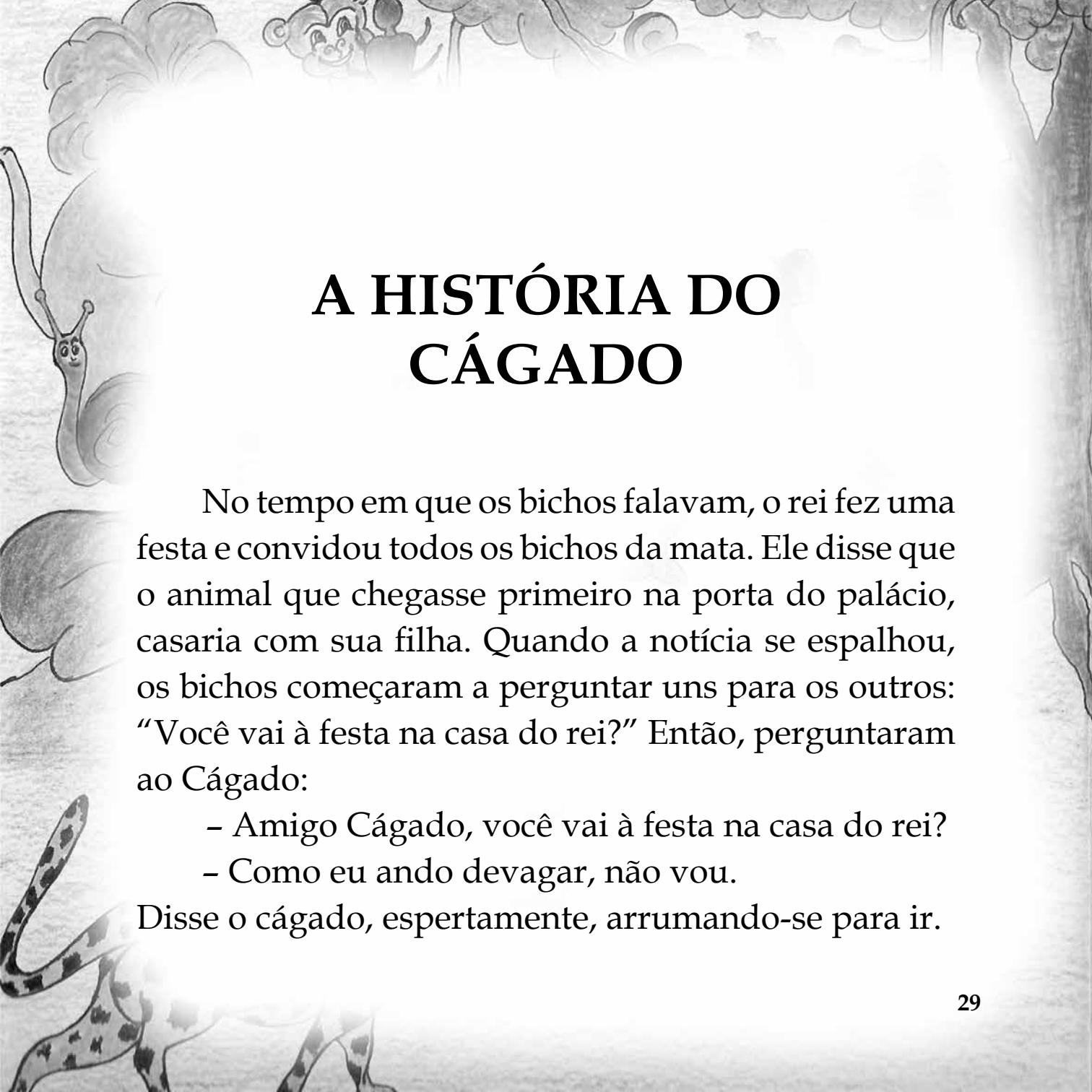
A black and white illustration of a forest scene. At the top, a monkey is peeking over a tree branch. On the left, a snail is walking. The background shows various trees and foliage.

e também fugiu pelo buraco. Quando ela voltou para pegá-lo, já não pôde mais, pois ele era mais veloz do que ela. Então, ela tentou entrar na lagoa, mas viu que se entrasse, afogava-se. Ela voltou e ficou sentada na beira da lagoa, chorando.

Moral da história: “quem tudo quer, tudo perde.” Como ela não se contentou somente com um, perdeu todos.

.....

Narrado por João Félix da Costa, natural de Amargosa/BA.

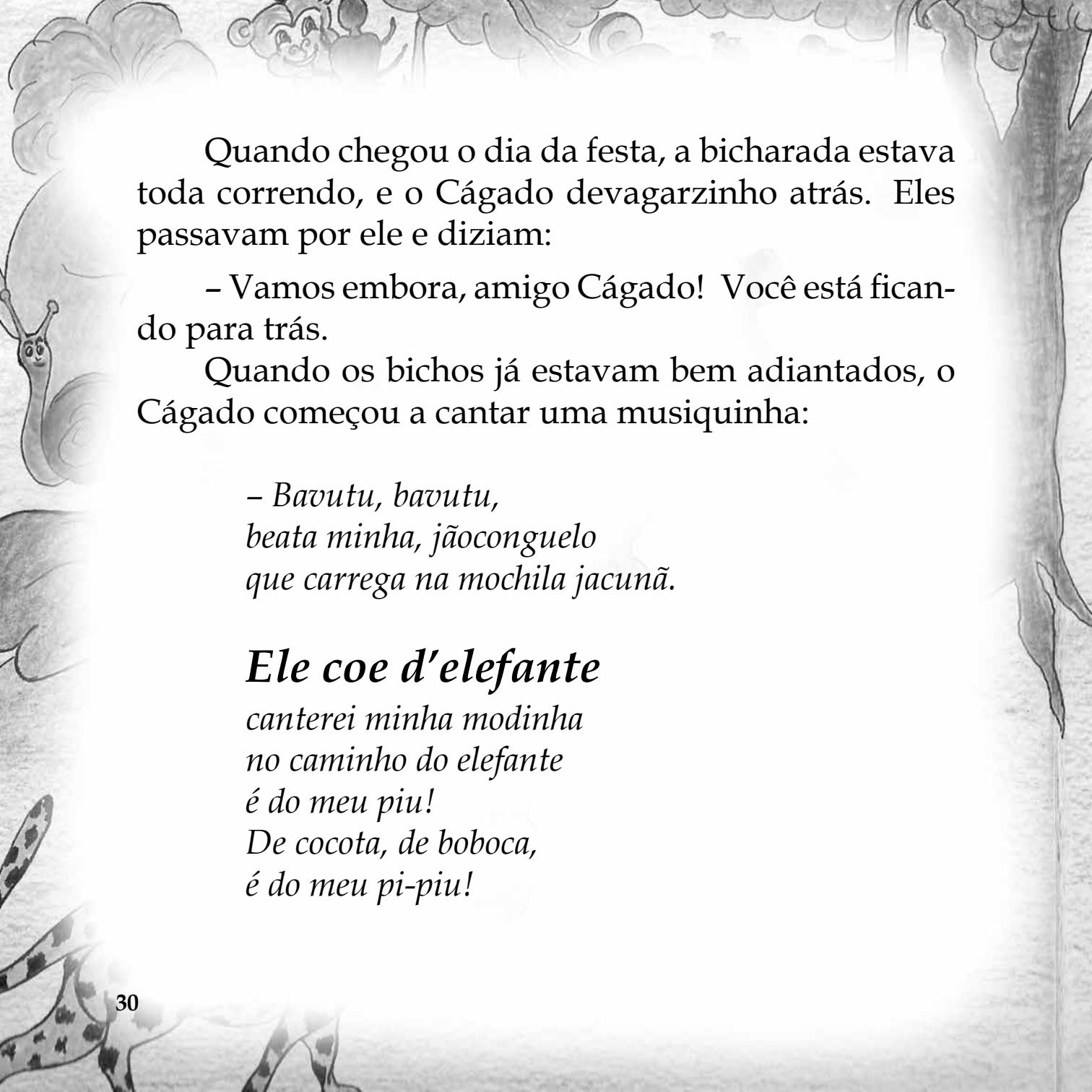


A HISTÓRIA DO CÁGADO

No tempo em que os bichos falavam, o rei fez uma festa e convidou todos os bichos da mata. Ele disse que o animal que chegasse primeiro na porta do palácio, casaria com sua filha. Quando a notícia se espalhou, os bichos começaram a perguntar uns para os outros: “Você vai à festa na casa do rei?” Então, perguntaram ao Cágado:

- Amigo Cágado, você vai à festa na casa do rei?
- Como eu ando devagar, não vou.

Disse o cágado, espertamente, arrumando-se para ir.



Quando chegou o dia da festa, a bicharada estava toda correndo, e o Cágado devagarzinho atrás. Eles passavam por ele e diziam:

– Vamos embora, amigo Cágado! Você está ficando para trás.

Quando os bichos já estavam bem adiantados, o Cágado começou a cantar uma musiquinha:

*– Bavutu, bavutu,
beata minha, jãconguelo
que carrega na mochila jacunã.*

Ele coe d'elefante

*cantarei minha modinha
no caminho do elefante
é do meu piu!*

*De cocota, de boboca,
é do meu pi-piu!*



Os bichos ouviram aquela música e voltaram:

- Amigo Cágado, que bicho cantou essa música?

A gente quer que ele vá cantar na casa do rei.

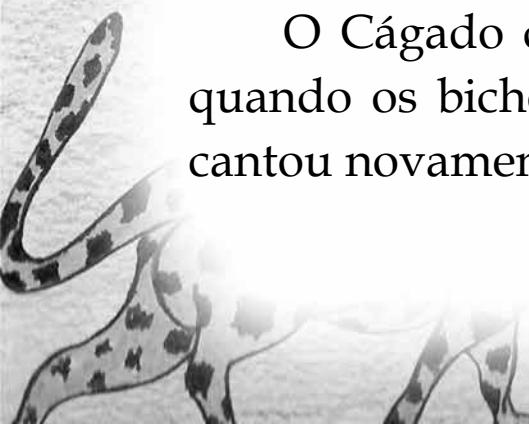
- Foi um bichinho que vem lá atrás.

Os bichos saíram procurando aquele bichinho. Procuraram debaixo das folhas, no mato todo, na estrada, mas ninguém achou o bicho. O Cágado continuou andando e os outros ficaram atrás, procurando o bichinho que cantou a música. Quando eles passaram pelo Cágado novamente, disseram:

- Vamos embora, amigo Cágado! Você ainda está aqui, amigo Cágado? Vamos embora ligeiro!

- Vão vocês! Eu não ando ligeiro, eu só posso andar devagar.

O Cágado continuou andando devagar. Porém, quando os bichos estavam perto da casa do rei, ele cantou novamente a musiquinha:





*- Bavutu, bavutu,
beata minha, jãoconguelo
que carrega na mochila jacunã.*

Ele coe d'elefante

*cantarei minha modinha
no caminho do elefante
é do meu piu!
De cocota, de boboca,
é do meu pi-piu!*

Os bichos voltaram correndo. Enquanto os bichos procuravam quem cantou a musiquinha, o Cágado andou ligeiro e chegou ao palácio. Passou por debaixo da cancela e viu a princesa sentada, esperando o bicho que chegasse primeiro. Então, o cágado foi para o colo dela. Com pouco tempo, vieram os outros bichos correndo e ao verem a cena, falaram muito mal do Cágado. Quando ele já havia descansado bem, começou a cantar:



*– Bavutu, bavutu,
beata minha, jãoconguelo
que carrega na mochila jacunã.*

Ele coe d'elefante

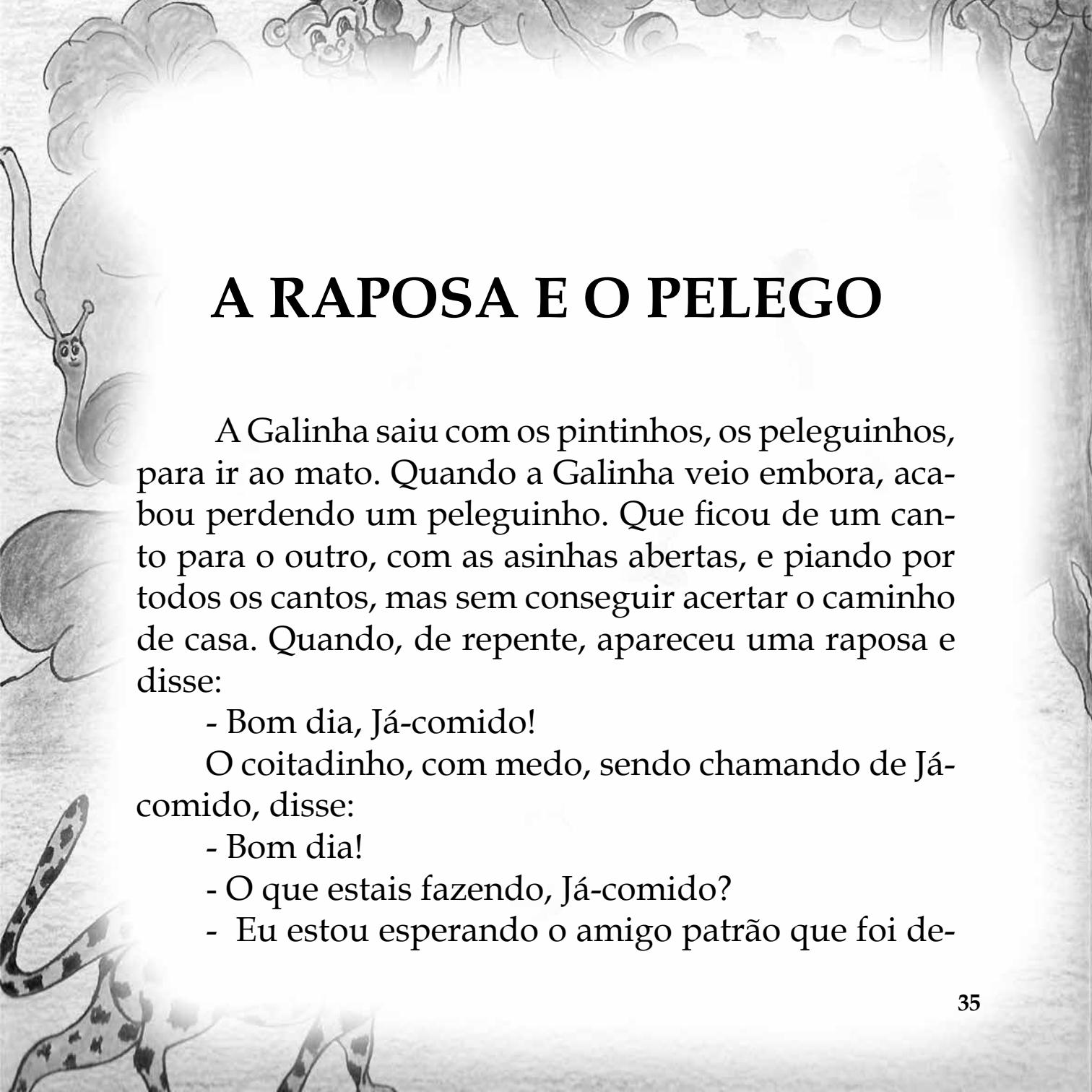
*canterei minha modinha
no caminho do elefante
é do meu piu!
De cocota, de boboca,
é do meu pi-piu!*

Assim, os bichos voltaram para a mata e o Cágado se casou com a princesa.

.....

Narrado por Maria Carmelita de Almeida, Salvador,
17.07.1988. Recolhido por Edil Silva Costa.





A RAPOSA E O PELEGO

A Galinha saiu com os pintinhos, os peleguinhos, para ir ao mato. Quando a Galinha veio embora, acabou perdendo um peleguinho. Que ficou de um canto para o outro, com as asinhas abertas, e piando por todos os cantos, mas sem conseguir acertar o caminho de casa. Quando, de repente, apareceu uma raposa e disse:

- Bom dia, Já-comido!

O coitadinho, com medo, sendo chamando de Já-comido, disse:

- Bom dia!

- O que estais fazendo, Já-comido?

- Eu estou esperando o amigo patrão que foi de-



fecar ali. Pois, “Ali se defeca não se limpa”, vem daqui a pouco.

□ Quem é teu patrão, peleguinho?

- Ele é amigo Cachorro.

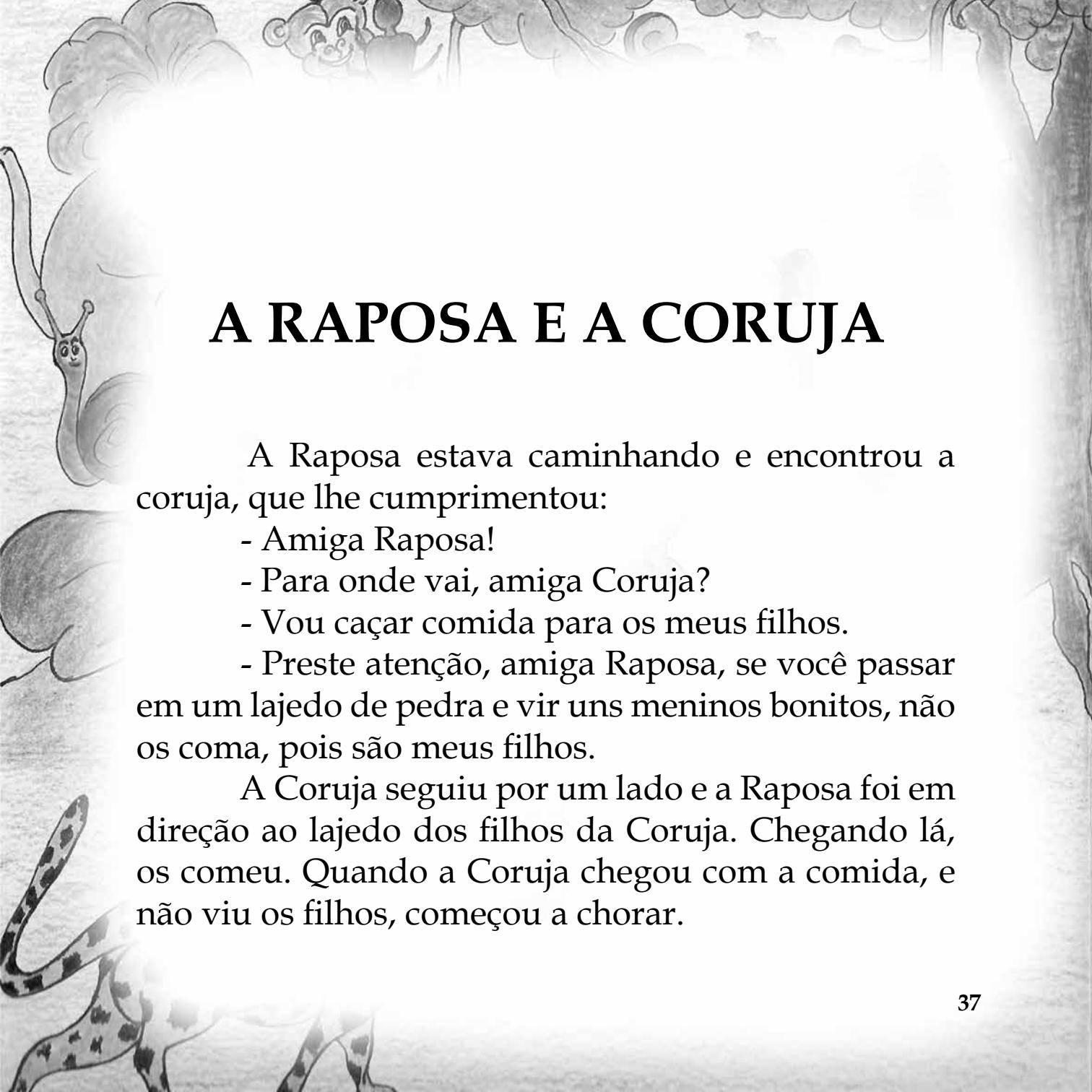
- Até logo, Já-comido!



A raposa saiu correndo por dentro do mato com medo do patrão do peleguinho, que saiu batendo as asas para as árvores e piando. Até que, então, acertou a sua casa e a Raposa não o comeu.

.....

Narrado por Otávio Barbosa, Pati-Alagoinhas/BA,
01.11.86. Recolhido por Edil Silva Costa.

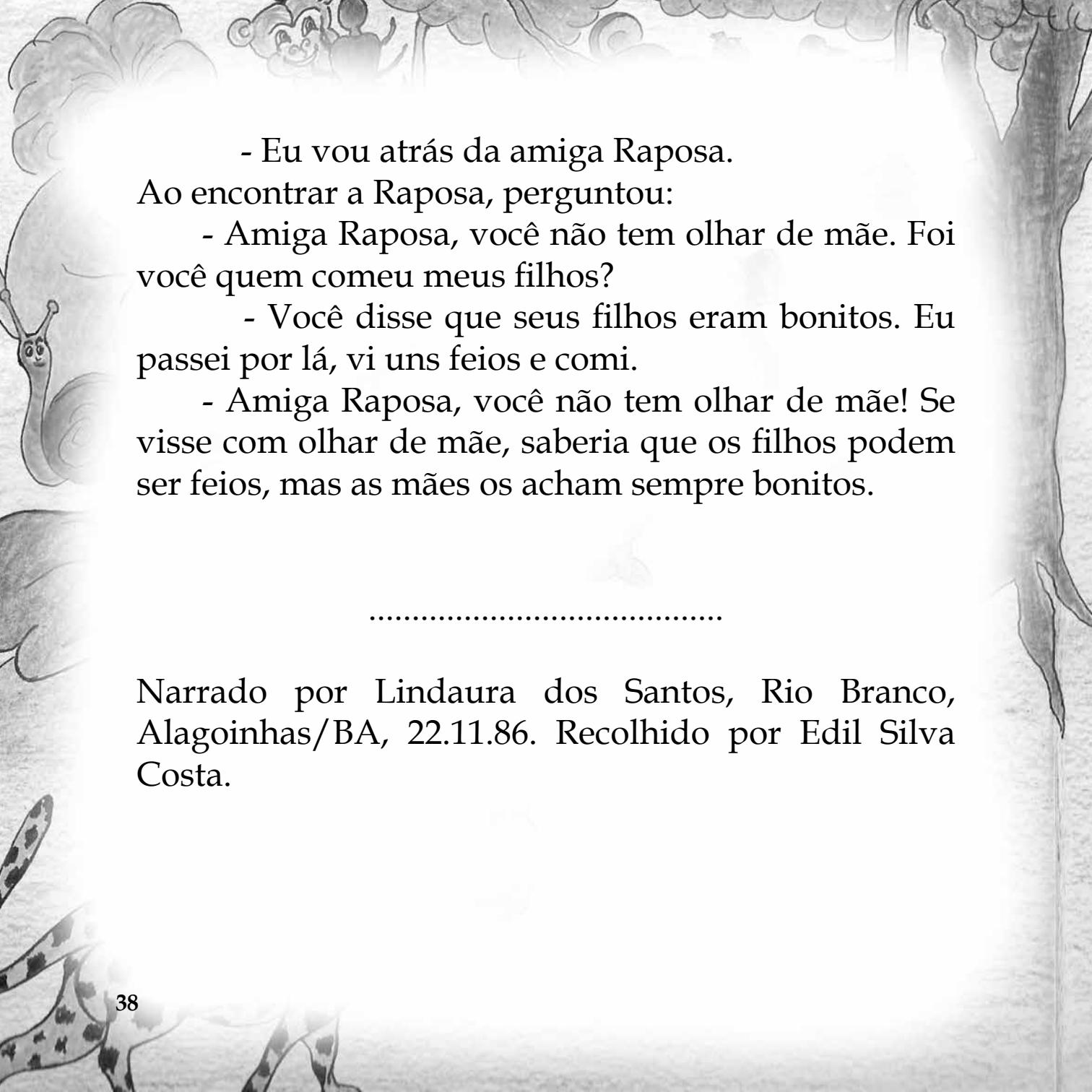
A black and white illustration of a forest scene. At the top, a monkey is visible among the trees. On the left, a rabbit is shown in profile, looking towards the center. At the bottom, a spotted dog is partially visible. The background is filled with stylized trees and foliage.

A RAPOSA E A CORUJA

A Raposa estava caminhando e encontrou a coruja, que lhe cumprimentou:

- Amiga Raposa!
- Para onde vai, amiga Coruja?
- Vou caçar comida para os meus filhos.
- Preste atenção, amiga Raposa, se você passar em um lajedo de pedra e vir uns meninos bonitos, não os coma, pois são meus filhos.

A Coruja seguiu por um lado e a Raposa foi em direção ao lajedo dos filhos da Coruja. Chegando lá, os comeu. Quando a Coruja chegou com a comida, e não viu os filhos, começou a chorar.



- Eu vou atrás da amiga Raposa.

Ao encontrar a Raposa, perguntou:

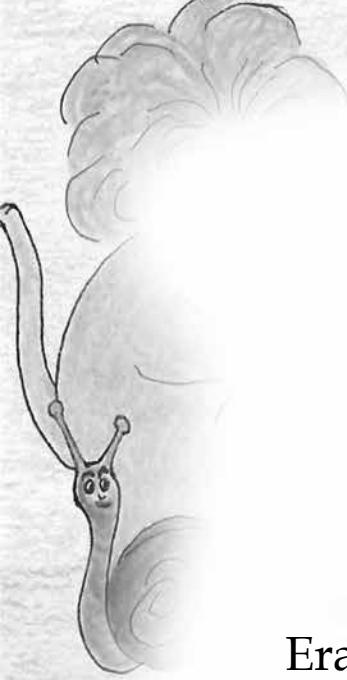
- Amiga Raposa, você não tem olhar de mãe. Foi você quem comeu meus filhos?

- Você disse que seus filhos eram bonitos. Eu passei por lá, vi uns feios e comi.

- Amiga Raposa, você não tem olhar de mãe! Se visse com olhar de mãe, saberia que os filhos podem ser feios, mas as mães os acham sempre bonitos.

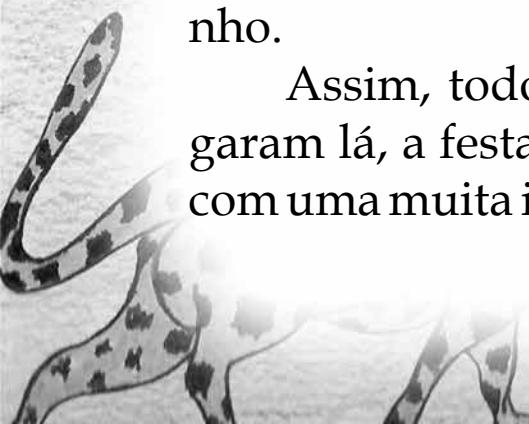
.....

Narrado por Lindaura dos Santos, Rio Branco, Alagoinhas/BA, 22.11.86. Recolhido por Edil Silva Costa.

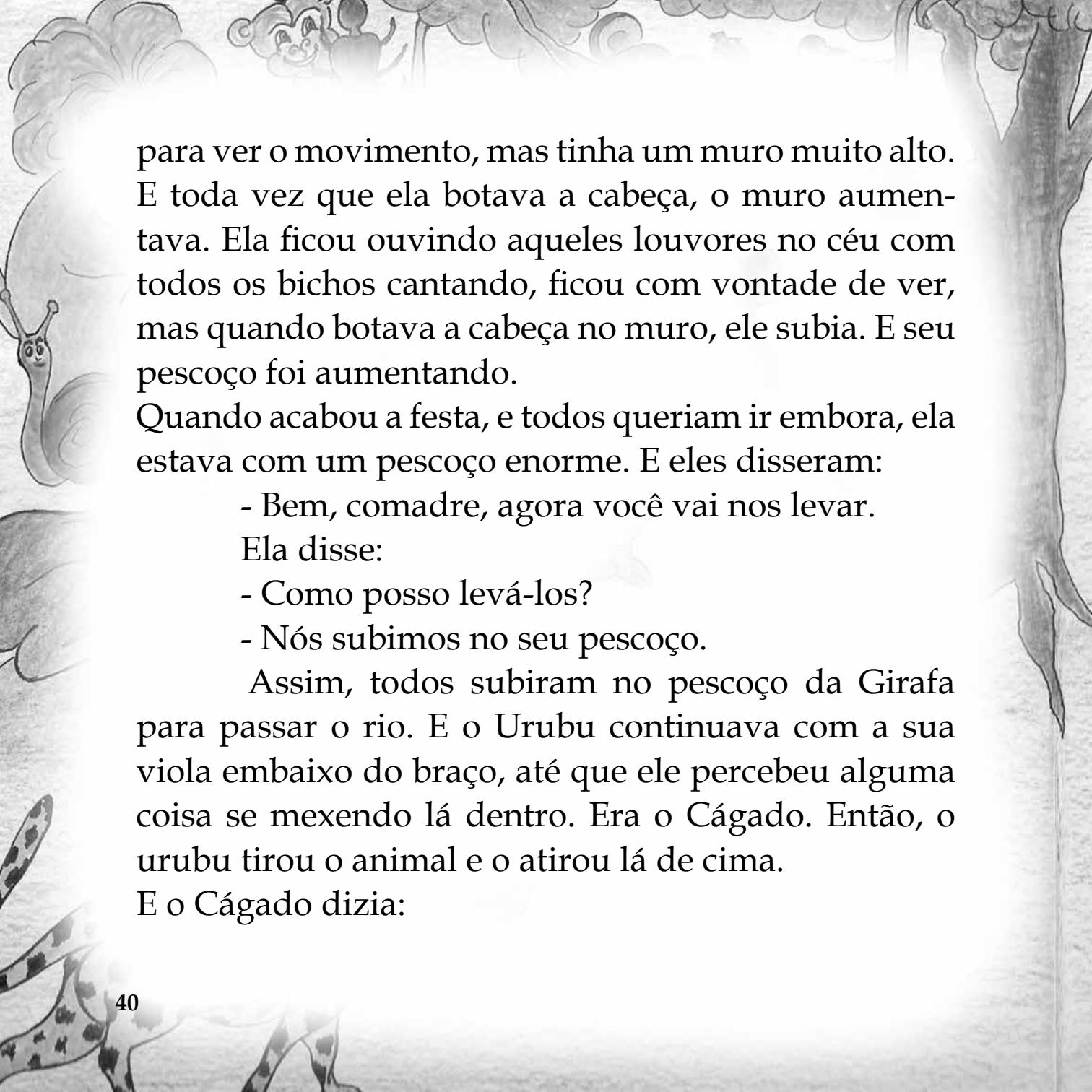


FESTA NO CÉU

Era uma vez, uma festa no céu. Para a qual todos os bichos foram convidados. Mas o Cágado dizia que não tinha condição de ir. Pois, todos deveriam passar por um rio enorme. Os bichos começaram a se reunir, até que o Cágado chegou, pedindo aos animais para levá-lo. Porém todos se recusaram. A Girafa, por sua vez, disse que não ia a festa. Então, o Cágado entrou na viola que pertencia ao Urubu e ficou bem quietinho.



Assim, todos viajaram para o céu. Quando chegaram lá, a festa estava maravilhosa! E a Girafa ficou com uma muita inveja, começou a ter vontade de olhar,



para ver o movimento, mas tinha um muro muito alto. E toda vez que ela botava a cabeça, o muro aumentava. Ela ficou ouvindo aqueles louvores no céu com todos os bichos cantando, ficou com vontade de ver, mas quando botava a cabeça no muro, ele subia. E seu pescoço foi aumentando.

Quando acabou a festa, e todos queriam ir embora, ela estava com um pescoço enorme. E eles disseram:

- Bem, comadre, agora você vai nos levar.

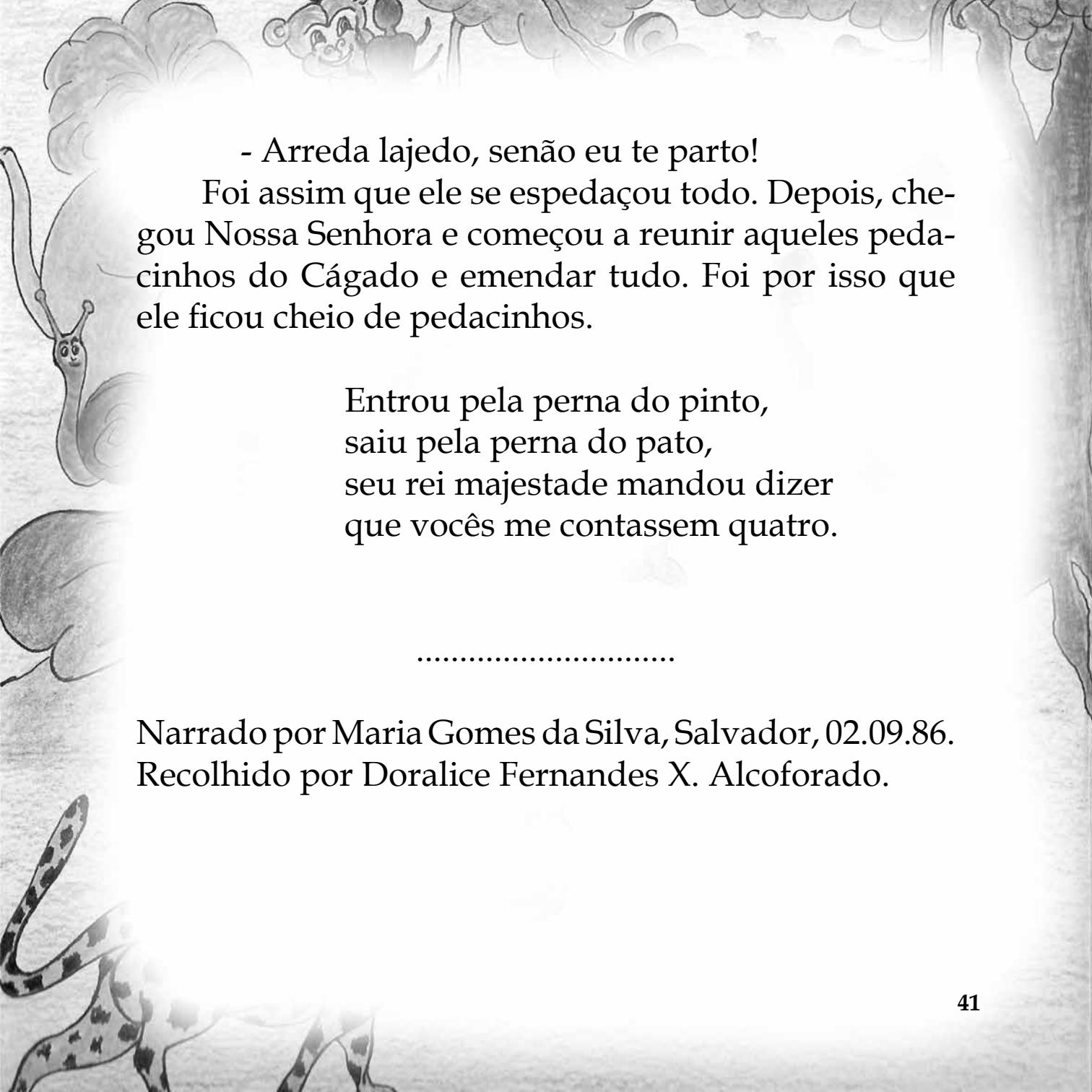
Ela disse:

- Como posso levá-los?

- Nós subimos no seu pescoço.

Assim, todos subiram no pescoço da Girafa para passar o rio. E o Urubu continuava com a sua viola embaixo do braço, até que ele percebeu alguma coisa se mexendo lá dentro. Era o Cágado. Então, o urubu tirou o animal e o atirou lá de cima.

E o Cágado dizia:



- Arreda lajedo, senão eu te parto!

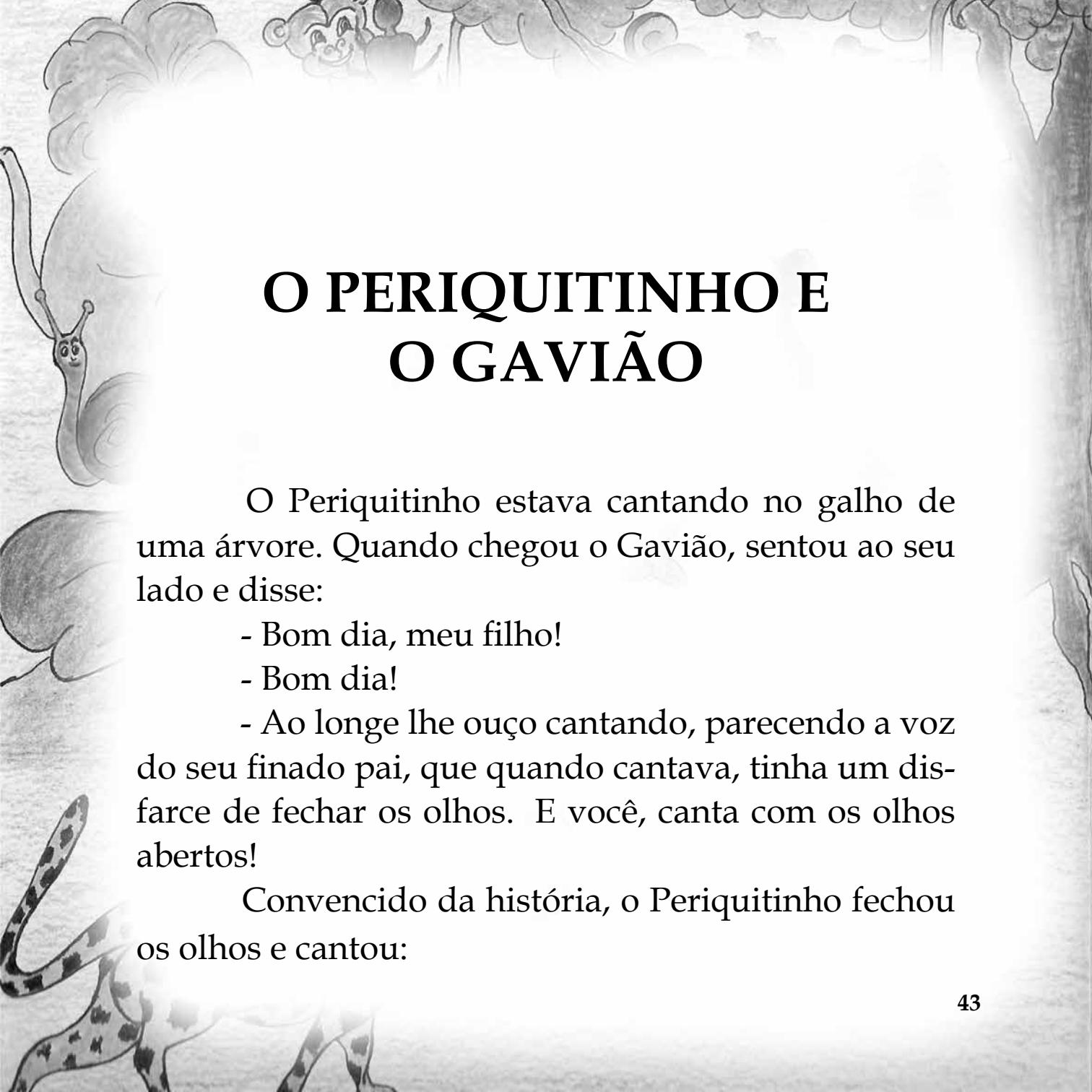
Foi assim que ele se espedaçou todo. Depois, chegou Nossa Senhora e começou a reunir aqueles pedacinhos do Cágado e emendar tudo. Foi por isso que ele ficou cheio de pedacinhos.

Entrou pela perna do pinto,
saiu pela perna do pato,
seu rei majestade mandou dizer
que vocês me contassem quatro.

.....

Narrado por Maria Gomes da Silva, Salvador, 02.09.86.
Recolhido por Doralice Fernandes X. Alcoforado.





O PERIQUITINHO E O GAVIÃO

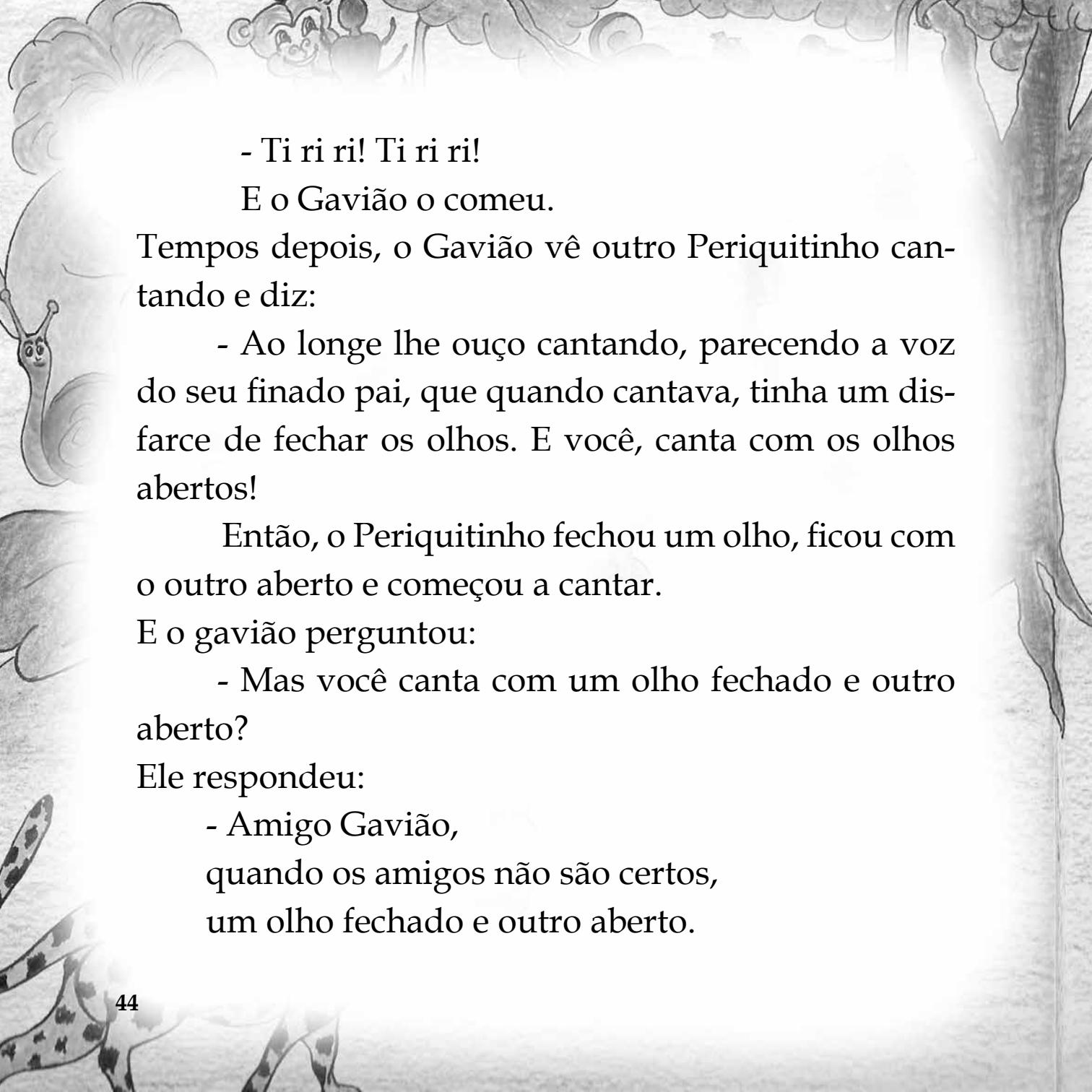
O Periquitinho estava cantando no galho de uma árvore. Quando chegou o Gavião, sentou ao seu lado e disse:

- Bom dia, meu filho!

- Bom dia!

- Ao longe lhe ouço cantando, parecendo a voz do seu finado pai, que quando cantava, tinha um disfarce de fechar os olhos. E você, canta com os olhos abertos!

Convencido da história, o Periquitinho fechou os olhos e cantou:



- Ti ri ri! Ti ri ri!

E o Gavião o comeu.

Tempos depois, o Gavião vê outro Periquitinho cantando e diz:

- Ao longe lhe ouço cantando, parecendo a voz do seu finado pai, que quando cantava, tinha um disfarce de fechar os olhos. E você, canta com os olhos abertos!

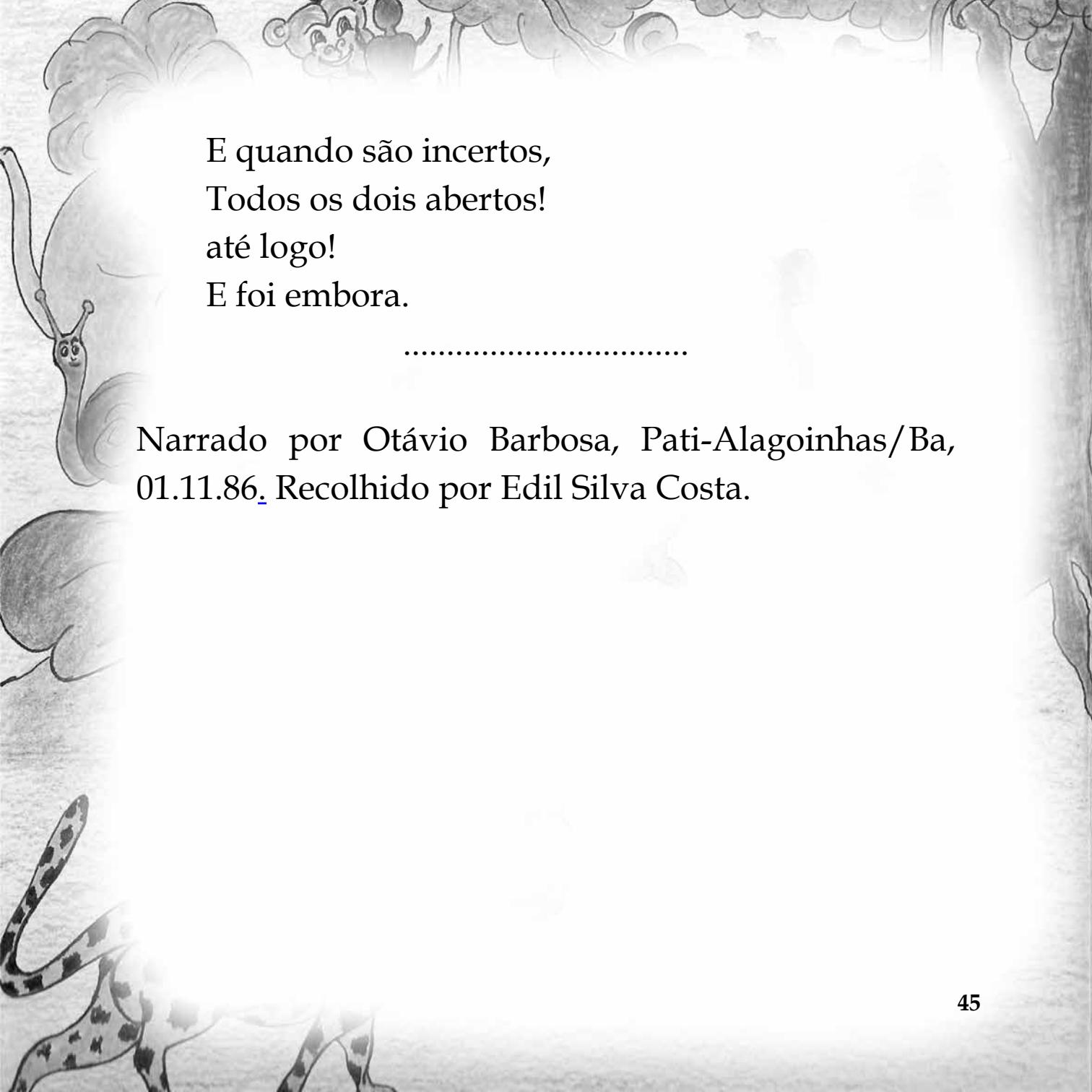
Então, o Periquitinho fechou um olho, ficou com o outro aberto e começou a cantar.

E o gavião perguntou:

- Mas você canta com um olho fechado e outro aberto?

Ele respondeu:

- Amigo Gavião,
quando os amigos não são certos,
um olho fechado e outro aberto.



E quando são incertos,
Todos os dois abertos!
até logo!
E foi embora.

.....

Narrado por Otávio Barbosa, Pati-Alagoinhas/Ba,
01.11.86. Recolhido por Edil Silva Costa.







Volume I: Contos de Dona Luiza
Volume II: Contos de Animais
Volume III: Contos de Dona Carlota
Volume IV: Histórias de Pedro Malasartes
Volume V: Contos de Dona Sônia

Apoio:



ISBN :978-85-7887-023-2

